



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS**

Faculdade de Ciências Aplicadas



**MAYARA SEBINELLI MARTINS**

**O IRROMPER DA SEXUALIDADE NO URBANO**

IMAGINAR MODOS DE HABITAR PELOS AFETOS

Limeira – SP

2024



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS**

Faculdade de Ciências Aplicadas



**MAYARA SEBINELLI MARTINS**

## **O IRROMPER DA SEXUALIDADE NO URBANO**

**IMAGINAR MODOS DE HABITAR PELOS AFETOS**

Dissertação apresentada à Faculdade de Ciências Aplicadas da Universidade Estadual de Campinas como parte dos requisitos exigidos para obtenção do título de Mestra em Ciências Humanas e Sociais Aplicadas.

**Orientador:** Prof. Dr. Eduardo Jose Marandola Junior

ESTE EXEMPLAR CORRESPONDE À VERSÃO FINAL DA DISSERTAÇÃO DEFENDIDA PELA ALUNA MAYARA SEBINELLI MARTINS E ORIENTADA PELO PROF. DR. EDUARDO JOSE MARANDOLA JUNIOR

Limeira – SP

2024

Ficha catalográfica  
Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP)  
Biblioteca da Faculdade de Ciências Aplicadas  
Ana Luiza Clemente de Abreu Valério - CRB 8/10669

M366i Martins, Mayara Sebinelli, 1992-  
O irromper da sexualidade no urbano : imaginar modos de habitar pelos afetos / Mayara Sebinelli Martins. – Limeira, SP : [s.n.], 2024.

Orientador(es): Eduardo Marandola Junior.  
Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Faculdade de Ciências Aplicadas.

1. Teoria queer. 2. Corporeidade. 3. Espaço urbano. I. Marandola Junior, Eduardo. II. Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Faculdade de Ciências Aplicadas. III. Título.

Informações complementares

**Título em outro idioma:** The eruption of sexuality in the urban : imagining ways of inhabiting through affections

**Palavras-chave em inglês:**

Queer theory

Embodiment

Urban space

**Área de concentração:** Modernidade e Políticas Públicas

**Titulação:** Mestra em Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

**Banca examinadora:**

Eduardo Marandola Júnior [Orientador]

Carolina Cantarino Rodrigues

Benhur Pinós da Costa

Geórgia Cristina Amitrano

**Data de defesa:** 30-08-2024

**Programa de Pós-Graduação:** Mestrado Interdisciplinar em Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

**Identificação e informações acadêmicas do(a) aluno(a)**

- ORCID do autor: <https://orcid.org/0000-0001-8867-391X>

- Currículo Lattes do autor: <http://lattes.cnpq.br/6289706749127820>

## Folha de Aprovação

**Autora:** Mayara Sebinelli Martins

**Título:** O irromper da sexualidade no urbano: imaginar modos de habitar pelos afetos

**Natureza:** Dissertação

**Área de Concentração:** Modernidade e Políticas públicas

**Instituição:** Faculdade de Ciências Aplicadas – FCA/Unicamp

**Data da Defesa:** Limeira-SP, 30 de agosto de 2024.

### BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Eduardo Jose Marandola Junior (orientador)  
Faculdade de Ciências Aplicadas - FCA/Unicamp

Prof. Dr. Benhur Pinós da Costa (membro externo)  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Profa. Dra. Georgia Cristina Amitrano (membro externo)  
Universidade Federal de Uberlândia

Profa. Dra. Carolina Cantarino Rodrigues (membro)  
Faculdade de Ciências Aplicadas - FCA/Unicamp

A Ata da defesa com as respectivas assinaturas dos membros encontra-se no SIGA/Sistema de Fluxo de Dissertação/Tese e na Secretaria do Programa da Unidade.

*Aos tortos.*

## AGRADECIMENTOS

O sonho dessa dissertação começou há tanto tempo que às vezes escapa à memória; começou há mais de vinte anos quando, ainda criança, meu pai me dizia durante os almoços na casa de minha avó sobre como, um dia, eu iria para a universidade e que, caso quisesse, poderia fazer mestrado e doutorado. A perspectiva de que eu poderia continuar estudando por ainda muitos e muitos anos fez meus olhos brilharem, não só porque aprender sempre foi meu refúgio, mas também porque eu seria a primeira da família de meu pai a entrar na universidade. Esse sonho não era apenas meu, mas também de **minha avó**, que nunca havia conseguido estudar além do ginásio, e de **meu pai**, que também não havia passado do ensino médio, ambos sendo pessoas brilhantes e interrompidas.

Minha avó, um dos grandes e maiores amores de minha vida, se foi em 2014, feliz de ter visto a neta em uma universidade pública. Ela nos deixou cedo demais, e até hoje ainda estranho viver em um mundo sem um pedaço tão grande de todos nós. Sua risada era extraordinária, ultrapassava as fronteiras invisíveis dos muros das casas e alegrava a vizinhança toda; uma alegria que era resiliência em meio a tanta violência que sofreu. Até hoje meus dedos, de vez em quando, ainda digitam os números de seu telefone para lhe contar algo que aconteceu em minha vida. De seu próprio jeitinho, Dona Antônia, assim como eu, também era toda torta. A eles, agradeço por uma vida de sonhos se tornando realidade e de luta para que eu não fosse também interrompida.

Não poderia continuar falando de sonho se não falasse sobre eles, que me acompanharam de tão pertinho, antes e durante esse processo: meus sequelados. Começando por meu cãopanheiro de aventuras e escritas, **Nessie** (ou Nelson para os íntimos) que estava sempre lá pronto para me encher de amor e alegria em todos os momentos, au au au auuu (te amo, narigudo).

Ao **Renato** (Metal), a manteiga derretida que derreteu meu coração e me segurou por tantos momentos, me abraçando, animando me amando. Meu grande revisor, inspiração, torcida, cuidado e ouvido atento. Sem você, meu companheiro de vida, essa dissertação não teria sido possível. Com você meu riso é frouxo, minhas lágrimas escorrem e meu corpo se aquece. Não há palavras que bastem para expressar meu amor por você, obrigada por tanto.

Ao **Danilo**: cada conversa nossa abre novos universos em mim. Você e seus *ocean eyes* me movimentam, me alegram e me encantam todos os dias, até – e especialmente – naqueles em que está ranzinza. Obrigada por compartilhar a vida, a casa e o cotidiano comigo. Essa dissertação também é fruto do meu carinho por você e de tantas madrugadas com chá, séries, filmes e bate-papos que tivemos ao longo dos anos. Você fez minha imaginação alçar voos inimagináveis, correr rios lindos e tortuosos, e que, de alguma forma, me fizeram reconstruir essa casa *queer* que nos abriga.

Aos meus outros companheiros de casa, **Tuga**, **Lucca** e **Felipe**, que sempre me incentivaram nessa jornada, com suas escutas carinhosas, empolgações animadoras, torcidas. A escrita foi mais fácil porque eu tinha vocês ali, gritado da sala “WRITING!!”, conversando durante os cafés da tarde, vibrando a cada instante. Vocês iluminam minha vida com carinho e companheirismo diários. Obrigada por tudo.

Ao **Guilherme** (Ginhene), nosso Prof. Dr., companheiro de bandecos e altos papos pós-almoço que tanto me alegravam e me faziam refletir: obrigada, querido. Você é daqueles amigos que aquecem o coração, fazem o mundo cintilar e tornam tudo mais fácil. Seu carinho, força e incentivo fazia as semanas de estudo e escrita mais leves. Nossas noites de *drinks* e *boardgames* traziam paz para os finais de semana. Estar com você é sempre um presente, e fico muito feliz de te ter como amigo.

Aos meus primos, **Victor** (Funa) e **Pri**, que me acolheram em tantos momentos (bons e difíceis), meus também companheiros de jogos e donos dos melhores abraços. É sempre bom saber que posso contar com vocês e a galera peluda da sua casa nessa caminhada, com tanto amor e celebração. Que possamos seguir sempre assim, de perto e bem juntinhos, ressignificando o que nos faz família. Todo encontro com vocês é sempre um evento, e eu aguardo ansiosa por cada um.

Ao **Oscar**, orgulho da sequela, obrigada por ser tão companheiro. Das amizades que a sequelândia me deu, você com certeza foi uma das melhores surpresas. Do seu jeitinho fofo, está sempre aqui vibrando com todos nós. Você me inspira muito e me encanta. Amo nossos papos, nossas risadas e jogatinas, minha vida é muito melhor com você.

Ao meu irmão, **Thyago** (nosso querido BigBoss): não importa o quão baixo ou quão alto estivemos, tenho muito orgulho de ser sua irmã e ver você indo tão longe.

Você é encantador com seu jeitinho de fazer as coisas, seu senso de humor inigualável, e ternura bruta. Fico feliz que tenhamos caminhado juntos por toda nossa vida, e espero que possamos sempre seguir assim. E ao presentinho que você trouxe para nossas vidas, **Valéria**, agradeço por toda a amizade e companheirismo nos últimos anos. Vocês trazem muita alegria nos finais de semana de *Eldritch*, e sempre espero ansiosa por esse momento do mês em que nos reunimos.

A todos os outros sequelos: todos e cada um de vocês são essenciais em minha vida. Obrigada pela amizade que temos e por essa grande família sequelística que criamos.

À **Laís Ciampi**, a amiga, companheira, marida, grande amor da minha vida, Laís. A pessoa que mesmo com, literalmente, um Oceano de distância se fez e faz tão presente, sonhando esse sonho comigo desde a Unesp. Já são dez anos lindos ao seu lado, podendo te chamar de amiga-marida e saber que seu sorriso sempre estará esperando por mim, assim como seu abraço apertado. Onde quer que eu vá, como quer que seja, sempre juntas. Te amo infinito.

À **Andressa**, minha psicóloga, com quem eu dividi toda essa trajetória e que vibrou comigo a cada passo dado. Nossos encontros foram cruciais em todos os momentos e, sendo essa uma pesquisa, como você sempre diz, tão visceral, poderia facilmente dizer que mais da metade dela foi feita em terapia, junto a você. Obrigada por torcida, puxão de orelha, socorro e debate que tivemos nos últimos anos. Com você, cresci muito e aprendi coisas sobre mim que nem conhecia.

Com tanta gente linda ao meu lado, foi fácil sonhar... E foi sonhando que cheguei à Unicamp para conhecer mais outras pessoas incríveis que me acompanharam tão de perto nos últimos dois anos nessa pesquisa.

A começar pelo meu orientador, **Eduardo**, que me conquistou à primeira risada. Eduardo, você, que me ensinou a importância crucial de nos perdermos, se tornou minha maior referência e inspiração. Sempre fazendo as incômodas perguntas certas, me incentivou a nadar cada vez mais fundo e mais longe, me conduzindo por mares que nunca achei que navegaria. Obrigada por ter trilhado esse caminho tão lindo e desafiador comigo, por ter sempre tensionado mais e segurar minha mão antes de eu me afogar. Esse trabalho não teria nascido sem sua presença em minha vida, presença que me alegra e faz meus olhos brilharem cada dia mais. Sinto-me honrada

por essa orientação, pela relação que construímos e os pensamentos que pensamos. Agradeço todos os dias por nossos caminhos terem se cruzado nesse mundo.

Aos Professores que participaram da minha banca de qualificação, Prof. Dr. **Benhur** Pinós da Costa e Profa. Dra. **Carolina** Cantarino, que tão carinhosa e atentamente leram meu trabalho e colaboraram o fazendo crescer e florescer de uma forma tão bonita! Seus comentários foram essenciais para o caminho pelo qual ele seguiu. Obrigada por construírem esse sonho comigo e marcarem minha vida tão graciosamente.

À Profa. Dra. **Geórgia**, que tão gentilmente aceitou caminhar conosco nessa reta final de trabalho, participando da banca de defesa; é uma alegria poder compartilhar essa pesquisa com você.

Ao **Tiago**, grande presente que o LAGERR (Laboratório de Geografia dos Riscos e Resiliência) me deu. Meu amigo querido, que sorte a minha de nossas vidas terem se entrelaçado nesse momento e ter feito nascer essa relação tão linda e cheia de pureza. As melhores risadas, o melhor abraço, as melhores conversas com café. Você me mostrou caminhos pelas sendas fenomenológicas que se abriram nesse trabalho. Você foi meu maior parceiro desses últimos anos, rindo e chorando, na saúde e na doença, no bom e no mau humor. Obrigada por toda a sua generosidade e brilhantismo, que a vida acadêmica nunca os apague.

À **Fernanda**, minha amiga querida de LAGERR, que tanto me inspirou com sua pesquisa, sensibilidade, inteligência, carisma e beleza. Encontrar-te por essa vida parece um sonho, mas ele é tão real quando nossos cafés juntas e conversas incríveis de sempre. Sinto muita falta dos nossos momentos e divagações no Intercamp, voltando para casa, refletindo sobre tudo e sobre nada... Você foi e continua sendo poesia em minha vida. Tenho muito orgulho dos caminhos que você está trilhando tão lindamente. Voa alto, passarinha, voa alto nessas praias cariocas.

À **Jamille**, essa mulher de força e sensibilidade inigualáveis, que se tornou uma inspiração enorme em minha vida. Obrigada por todo o carinho, cuidado e por compartilhar esses últimos meses comigo. Você é uma mulher incrível e que eu admiro demais!

À Profa. **Laís Fraga**, que me supervisionou em dois estágios docentes. Agradeço por nosso caminho juntas. Você é uma pessoa muito especial e me fez olhar para o mundo com outros olhos. Sua trajetória e seu trabalho são lindos e

inspiradores, e fico muito feliz de termos nos cruzado na FCA. Aprendi muito com você e sua forma carinhosa de ensinar, sempre enxergando o brilho dos alunos e os fazendo emergir, reluzindo ainda mais.

Aos professores **Márcio** e **Diego**, companheiros de carona e que tantas vezes me trouxeram para casa nas noites de PED. Obrigada pelo carinho e pelas conversas incríveis que compartilhamos no caminho. Com certeza me diverti muito e aprendi com vocês.

A todos os meus amigos e companheiros de LAGERR, do NOMEAR (Grupo de Pesquisa Fenomenologia e Geografia) e do GHUM (Grupo de Pesquisa Geografia Humanista Cultural), em especial ao **Nícolas, Taís, Douglas, Larissa, Daíza, Nelson, Beatriz** e **Felipe**, por tantas trocas lindas que tivemos ao longo desses últimos dois anos e que, de muitas maneiras, estão presentes nesse trabalho.

Aos meus companheiros de ICHSA e FCA, **Marta, Yumi, Vannie, Renato, Gabriela, Claudiney, Juliana, Raissa, Helena**, aos novos ingressantes, **Gabriela, Bruna**, à velha guarda, **Pietro**, e ao querido **Lux**, que sempre iluminaram meus dias com seus sorrisos, companheirismo, amizade, força e bom humor. Foi realmente lindo encontrar tantas pessoas especiais e carinhosas no caminho, e formar amizades tão lindas. Vocês foram essenciais. Que nosso grupo de estudos continue sempre vivo e pulsante, enriquecendo nossas trajetórias aonde quer que formos.

Agradeço à **Jaqueline**, secretária do ICHSA, por toda sua ajuda, carinho, preocupação e prontidão em nos responder. Seu trabalho é essencial a todos nós, discentes, e merece ser celebrado sempre.

À **Coordenação do Programa**, que esteve à disposição para nos acolher e ajudar, cuidando para tornar nossos trabalhos possíveis e lindos.

A todos que mantêm a FCA, vocês são essenciais para os trabalhos que fazemos.

Aos **participantes** dessa pesquisa que aceitaram gentilmente conversar comigo, compartilhando comigo suas histórias, me deixando entrar em suas vidas e entrando na minha, meu muito obrigada.

Por fim, agradeço imensamente à **CAPES**, pelo financiamento essencial a esse sonho. O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001, Processo nº 88887.711639/2022-00.

## RESUMO

Pensando desde a obra de Merleau-Ponty e seu conceito de corporeidade, esse trabalho buscou olhar para modos pelos quais a sexualidade, aqui compreendida como ontológica, irrompe na experiência urbana. A experiência é debatida a partir dos trabalhos de Marandola Jr., que argumentam em favor do entendimento dessa pela reconciliação entre linguagem e corporeidade, indo além da língua e do dizível e retomando o sensível. Pelo (re)contar histórias de pessoas de diferentes sexualidades através de crônicas, podemos olhar para a imaginação e os afetos como caminhos para a vivência da sexualidade e o habitar urbano, especialmente para as dissidências. O sentido de habitar ao qual nos debruçamos é aquele defendido por Heidegger, enquanto a própria ontologia do ser, reconectando o humano à terra por um demorar-se que é próprio de nossa finitude. Por fim, há um diálogo com a Arquitetura, a fim de pensar como esses modos de habitar alçados pelo imaginar e o afeto político podem nos ajudar a pensar novas formas para o fazer arquitetônico e urbanista, formas que tragam de volta o mistério para o humano, como defende Cantarino, e nos permitam a opacidade de ser – em contraposição com a transparência moderna em que nos encontramos.

**Palavras-chave:** Experiência Urbana, Queer, Crônica, Corporeidade

## ABSTRACT

Thinking from Merleau-Ponty's work and his concept of corporeality, this work sought to look at ways in which sexuality, understood here as ontological, erupts in the urban experience. Experience is debated from the works of Marandola Jr., who argues in favor of understanding it through the reconciliation between language and corporeality, going beyond language and the sayable and returning to the sensible. By (re)telling stories of people of different sexualities through chronicles, we can look at imagination and affects as paths to the experience of sexuality and urban dwelling, especially for minorities. The sense of dwelling on which we focus is that proposed by Heidegger, as the very ontology of being, reconnecting the human to the earth through a lingering that is proper to our finitude. Finally, there is a dialogue with Architecture, in order to think about how these manners of dwelling raised by the imagination and political affect can help us to think of new approaches for architectural and urbanistic doing, approaches that bring back the mystery to the human, as Cantarino defends, and allow us the opacity of being – in contrast with the modern transparency in which we find ourselves.

**Keywords:** Urban Experience, Queer, Chronicles, Corporeality

## SUMÁRIO

Caminhos .....	15
Abrir-se .....	17
Irromper .....	20
Existir Extático .....	22
Um fazer Fenomeológico .....	25
Fazer.....	25
Viagem .....	32
Fantasia .....	41
Infinito.....	47
Cambuí.....	53
<i>Craving</i> .....	58
Ser é habitar .....	64
Imaginar? Fantasiar? .....	67
Afetos.....	75
Habitar queer.....	80
Referências .....	82

*Vamos encarar isto. Somos desfeitos uns pelos outros. E se não somos, falta algo em nós*

***Judith Butler – Desfazendo Gênero***

## CAMINHOS

A cidade sempre me encantou. Havia em mim essa pergunta incessante sobre como essa “coisa”, que eu ainda não entendia muito bem o que era, funcionava. Era onde eu morava, isso eu sabia, mas era também um amontoado de casas e prédios em que outras pessoas moravam. Não suficiente, havia ainda outros elementos nesse lugar estranho e fascinante: minha escola, a natação, o shopping onde meus pais me levavam para ver o papai Noel, o trabalho deles. Mas, de alguma forma, aquele conjunto de construções, ruas, avenidas, praças e parques parecia ser algo para além da soma de suas partes.

Não foi esse encantamento, porém, que me levou para a Arquitetura, isso quem fez foram as casas; mas foi lá que me envolvi ainda mais com o tema e pude perceber que todo aquele encantamento não era apenas meu: a cidade é um tema muito complexo e que vem fascinando muitos ao longo dos séculos. Como bem resumiu Marandola Jr. (2020a), é “para alguns, expressão muito próxima à urbanidade, para outros, sua própria realização. Para outros ainda, algo impossível de se realizar na cidade contemporânea”; já para o autor, experiência geográfica em sentido existencial. Quanto mais estudava sobre a cidade e suas peculiaridades, mais me apaixonava. Queria saber ainda mais sobre o que é que ela tinha que afetava tanto quem a vivia. Ler sobre o *flâneur* em Benjamin (2017) ou o *voyeur* em De Certeau (1998) mexiam com minha imaginação, porque eu entendia com cada célula do meu corpo a vontade de ser filósofa caminhante das ruas ou de ver multidões do topo dos prédios de que eles falavam, esse arrebatamento da cidade sobre nossos existires e querereres.

Sem saber, estava correndo atrás da tal da **experiência urbana**, essa que nos escapa tanto pelos dedos ao mesmo tempo que nos inunda. Tive uma sensação muito parecida com aquela descrita por Lauren Elkin (2022) quando nos conta que apenas depois de ter encontrado a palavra *flâneur* descobriu que havia sido uma sua vida toda, mas sem saber: também eu era desavisadamente uma *flâneuse*, assim como buscava entender o que era, afinal, a experiência urbana não tendo pista alguma de que isso era algo debatido ou estudado; para mim tudo era apenas o tipo de coisa que sentimos em nossos ossos e nos apaixonamos, mas não conseguimos pôr em palavras.

Como mostrado primorosamente por Marandola Jr. (2020a), falar sobre a possibilidade de uma experiência urbana requer que se volte não apenas àqueles que a ela já se debruçaram e que, por diversas vezes, já decretaram seu fim, mas também à questão da própria experiência, cuja trajetória envolve “atores e eventos tão diversos quanto a fundação da Filosofia Moderna (entre Descartes, Kant e Hegel), a Fenomenologia, o Pragmatismo e os críticos pós-fenomenológicos da cena francesa” (Marandola Jr., 2020a, p. 13). Isso porque, ao questionar a existência de todas as coisas, o cepticismo metodológico de Descartes encontra o *cogito*, nos distanciando do mundo e não nos permitindo nenhuma experiência válida que não seja a objetividade e a racionalização (Merleau-Ponty, 2018; Marandola Jr., 2020a). O subjetivo e o percebido configuram, então, não-conhecimentos, aquilo que deve ser desconsiderado.

Esse texto de Marandola Jr. faz ainda um mergulho no sentido da experiência para Hegel, cuja filosofia, partindo do *cogito* cartesiano, o extrapola, fundando-se na metafísica do absoluto. Para ele, a experiência é central, porém ela não é entendida

no sentido dos antigos (o acontecido), nem da sensibilidade (seja corpórea ou mesmo da consciência), mas no movimento próprio da consciência: sua dialética entre a consciência natural e a consciência real, uma consciência fenomenal, cuja certeza está no incondicionado, que se move entre as figuras alimentado pela necessidade de duvidar: o desespero de estar na dúvida (Marandola Jr., 2020a, p. 22)

Nesse ponto, gostaria de celebrar um encontro advindo do desencontro, contado a partir de minha história. Esta dissertação, assim como o ímpeto que me levou à pós-graduação, começam com minha fuga da Arquitetura. Não é que me arrependesse exatamente de minha graduação, mas os incômodos que tinha com ela não me permitiam continuar. Os excessos racionalistas dos “arquitetos-deuses” faziam com que todo o encantamento que havia nos primeiros semestres acabasse em ressentimento e frustração. Aquilo que era muitas vezes considerado criativo ou genial eram arquiteturas, a meu ver, agressivas, que se distanciavam do lugar, como se fossem esculturas produzidas para chocar em meio a tantas construções que sobem e descem incessantemente, em velocidade acelerada. Para chocarem, rasgam o tempo e o espaço: podiam estar em qualquer lugar, não se conectam, existem como cicatrizes de um machucado cuja existência nem havíamos notado.

Pallasmaa (2008, p. 150) discorre sobre algo semelhante quando fala de uma Arquitetura da Morte, caracterizada por essa estética da morte súbita dos pavimentos,

dos lençóis brancos, dos cortes secos; essa é a arquitetura da descontinuidade, para a qual o tempo não existe e o movimento é sempre unilateral, uma estética que é “[...] inspirada pelo determinismo tecnológico e pela velocidade”<sup>1</sup>. Ironicamente, a Arquitetura da Morte faz, justamente, desaparecer nossa condição de seres finitos, pois, ao apagar qualquer marca de temporalidade, produz uma falsa expectativa de continuidade infinita. Não há começo, meio e fim, apenas um eterno meio.

Sentia durante o curso de graduação as tensões que giravam em torno dessa questão. Havia a urgência em ouvir os “usuários de nossos projetos” ao mesmo tempo em que havia a necessidade de antecipar e controlar todos os seus próximos passos. O espaço precisa ser funcional, otimizado, preciso. Aprendemos, já no primeiro semestre, a desenhar em planta e a fazer projetos para terrenos imaginários, sem relevo, com medidas pré-definidas pelo código de obras. Olhos flutuantes presos a cabeças também flutuantes que cortam o papel com suas retas perfeitamente traçadas, régua, esquadro, grafite 0,3mm.

Foi assim que, tentando buscar em outros lugares novas formas de lidar com o mundo à minha volta, cheguei não apenas ao mestrado, mas a discussões primordiais sobre ontologia e epistemologia que desenharam, ao longo do tempo, esse trabalho como uma tentativa de voltar à Arquitetura, assim... de um outro lugar, com um outro olhar, com ânimo renovado.

Marandola Jr. (2020) termina seu texto abrindo possibilidades para a experiência urbana, que passam pela aceitação de seu caráter ambíguo entre sombra e luz, possível de ser posto em linguagem e impossível de pôr em palavras. Essa indefinição, tão assustadora para alguns (especialmente os modernos), me parece bastante promissora para a Arquitetura. Não penso isso sozinha, pois Pallasmaa (2008) já havia colocado a urgência do reencantamento, remistificação e reerotização do mundo para que a arquitetura fosse um “voltar para casa” (que podemos entender, aqui, no sentido de habitar, em oposição à máquina de morar moderna).

## **Abrir-se**

“Michel Foucault se perguntava: por que um pintor trabalharia, se não fosse para ser transformado por sua pintura? E por que alguém escreveria, poderíamos nos perguntar?” (Preciosa, 2022, p. 21). O belíssimo texto de Roseane Preciosa chegou a

---

<sup>1</sup> Tradução livre do original: “[...] inspired by technological determinism and speed”.

mim em um momento de desalento: o momento da escrita do texto de qualificação. Ao ler essas palavras, me coloquei a pensar: por que é que eu escrevo?

Escrever sempre foi um hábito que me acompanhou, desde muito nova, e era onde eu inventava mundos e histórias para mim e para os outros, me perdia em existências fabuladas, me via adulta sem ainda ser ou criança novamente quando tinha saudade. Escrever é para mim, assim como Preciosa argumenta em seu texto, uma maneira de sair de mim mesma, para mudar meu modo de pensar, “para abandonar o hábito de ser [...]. Para azucrinar o ego e seu pegajoso cortejo de arrogâncias” (Preciosa, 2022, p. 21), para tensionar meus próprios pensamentos ou minha própria história e poder, a partir disso, criar novos.

Esse refúgio, é claro, sempre guardei só para mim, bem longe dos olhos e curiosidades alheias. Não queria compartilhar com o mundo, apenas sentir aquilo tudo que escrevia, buscando alguma empatia, algo de bonito e triste, algo de sensível.

Preciosa abre seu livro perguntando: “No que você pensava enquanto escrevia o texto?” (Preciosa, 2022, p. 17). Essa pergunta, que nos pega tão desprevenidos, caminhou comigo nos últimos meses. Parece trivial, mas não é. Mais que a pergunta em si, a resposta da autora para essa questão me assombrou por algumas noites até que eu fizesse minhas pazes com essa verdade tão crua: “Sou estrangeiro em meu próprio texto, e confesso que não sinto nenhum incômodo nisso” (Preciosa, 2022, p. 17). Como posso ser estrangeira em meu próprio texto?

Para a autora, os muitos devires que nos atravessam nos transformam em uma “câmara de ecos”<sup>2</sup> de sensações a que nos expomos, nos levando à uma urgência de as registrar que nos arremessa à página. Essa escrita fragmentária à qual nos abandonamos nos tira sistematicamente do controle, nos nega o chão firme e nos leva a uma existência incalculável; e é “exatamente com essas riquezas, consideradas refugio pela razão, [que] procurei construir um abrigo existencial fluido, um espaço hospitaleiro aos meus estranhamentos, que cuidasse das transformações que vão se produzindo na subjetividade” (Preciosa, 2022, p. 18). Ela continua:

Estamos acostumados a nos apoiar em formas de pensar que julgam, analisam, sistematizam e ignoram as incalculáveis surpresas que podemos provar diante das ideias que nos surgem como rumores e nos engatam numa conversa infinita e invisível com o barulho paradoxal da vida se manifestando

---

<sup>2</sup> A expressão “Câmara de Ecos” usada pela autora é uma referência ao poema homônimo de Waly Salomão em *Algaravias*.

não em linha reta, mas de viés, trajando seus inacabamentos (Preciosa, 2022, p. 18).

Essa escrita inacabada, fragmentária, imperfeita e cheia de vida é o que tentarei trazer para essa dissertação. Como colocado por Marandola Jr., a fenomenologia, enquanto esforço epistêmico de desvelamento de seres-no-mundo, situados, e questionador da excessiva racionalidade intrínseca ao pensamento Moderno, nos exige também uma escrita que questione, justamente, a estrutura racionalista dos textos acadêmicos.

Penso que este seja um problema central, capital para todos nós, o que nos convoca a pensar um texto e uma escrita em que não podemos tomar como meta revelar o Ser, ou explicar a essência dos fenômenos. Antes, a escrita teria de ser uma artesanaria que, como algo vivo e pulsante, permitisse, ela própria, uma experiência. Neste caso, os sentidos e essências poderiam ser intuídos pelo leitor a partir da experiência de leitura do texto (Marandola Jr., 2016a, p. 141).

Portanto, quero me perder em meu próprio texto, quero me afetar por ele e me encontrar mais tarde como alguém diferente, quero que a escrita seja uma experiência, assim como sua leitura. Quero ser parte da revolução de que fala Cantarino (2024), uma que tensione nossos modos de imaginar, conhecer e viver, uma que “diz respeito a uma mutação epistêmica e somática que também nos obriga coletivamente a inventar novas linguagens e modos de comunicação” (Cantarino, 2024).

É chegada, então, a hora de se abrir. Abrir-se não apenas a uma nova forma de nomear e escrever, mas também a uma nova forma de perguntar (Marandola Jr., 2020b) que se mete por trincas escondidas, debaixo de pedacinhos de lençóis se levantando e buracos no muro, uma que trilha traiçoeira, pela qual damos nosso melhor para navegar, mas que, no fim do dia, nos resta apenas confiar no mapa que nos aponta possibilidades de caminhos. Nesse mapa, vejo que os muros na relação ciência-filosofia-arte podem se dissolver quando abandonamos uma posição de sujeitos absolutos, herança do *cogito* cartesiano e do sujeito transcendental kantiano para a *epistème* Moderna (Foucault, 1999; Marandola Jr., 2020b), e desnaturalizamos o conhecimento, percebendo que, fenomenologicamente, a própria verdade repousa na ontologia e, segundo uma perspectiva heideggeriana:

Disso deriva que conhecer, compreender e existir estão interligados, pois se o *Dasein* é a forma como a existência do homem se desvela na temporalidade, é sempre nesta situação que o conhecimento do ente se

desvela (a região ôntica das ciências), ao mesmo tempo que apresenta o fundamento do filosofar, como ontologia (direção que Heidegger almeja para sua ontologia fundamental) (Marandola Jr., 2020b, p. 15).

Como pontua ainda Marandola Jr., Heidegger voltará à questão da verdade em sua obra tardia, mostrando como ela se manifesta na abertura que é criada pela obra de arte:

Este sentido de verdade que se liga à sua busca desde “Ser e tempo”, como a clareira, toma forma no embate Terra-Mundo, como jogo cujo acontecimento é a Arte, como *poiésis*: o próprio acontecer da verdade. Não é um movimento intelectualivo, ou uma revelação para um sujeito, filósofo ou cientista: é a verdade que irrompe e se presentifica (Marandola Jr., 2020b, p. 16).

A arte como irrompimento da verdade. A escrita como arte, aberta, como “possibilidade do acontecer da verdade (*Aletheia*)” (Marandola Jr., 2020b, p. 16), como “lugar possível” (Marandola Jr., 2016b, p. 8).

## **Irromper**

Voltemos a esse embate Terra-Mundo em que a Arte se insere como acontecer da verdade. Marandola Jr. (2023, p. 71), ao argumentar que o desterramento seria parte da situacionalidade latino-americana, pergunta-se a que Terra estaríamos nos referindo. Para ele, “o que está em jogo é o sentido ontológico de Terra como *Physis*”. A Terra, aqui, seria o próprio Ser, aquilo que apenas é em seu devir e movimento, para além do uso corriqueiro da palavra como solo, extensividade ou planeta. É algo mais originário, constitutivo, inescapável. Somos Terra.

Disso parte que ser-no-mundo, conforme colocado por Marandola Jr., seria uma expressão do embate Terra-Mundo,

[...] como um jogo de desvelamento-ocultamento, no qual o humano é apenas uma parte, não o sujeito da ação. De outro lado, esta perspectiva implica, de maneira energética, uma compreensão da existência como movimento. O *irromper da Terra no Mundo remete ao incontrolável, ao imprevisível, mas também ao mistério. Implica uma relação entre o obrar humano (histórico, social, cultural) e sua incontornável condição terrena, que força um aterramento involuntário, originário, primevo, como um anseio original* (MARANDOLA JR., 2023, p. 71, destaques acrescentados)

Foi a partir disso, pensando a relação Terra-Mundo, que surge o título do trabalho: “O irromper da sexualidade no urbano”. Com ele, gostaria de pensar a

experiência urbana que é invadida por nossa condição terrena de seres sexuais. Para além de um título, há aqui uma forma de se colocar a pergunta, uma que, espero, que nos leve a caminhos renovados. Então, pergunto: como uma sexualidade ontológica, terrena, existencial, irrompe na experiência urbana, atravessando meu modo de olhar, andar, pensar, caminhar pelo urbano?

O caminho para a resposta deve voltar para o corpo, como nos lembra Merleau-Ponty (2014), sempre ele, esse corpo que é Terra, carnalidade pela qual eu conheço o mundo com todos os seus sentidos terrenos, Terra para mundo, “não havendo corpo (ou ser) sem mundo, nem mundo sem ser” (Marandola Jr., 2021, p. 56). Um ser-situado, cuja situação de corporeidade terrena é seu existir, compreender e conhecer.

Merleau-Ponty nos mostra que, sendo o corpo uma “existência imobilizada ou generalizada, e a existência uma encarnação perpétua” (Merleau-Ponty, 2018, p. 230), meu corpo é abertura para o mundo, me põe em situação. O filósofo pensa, a partir do corpo, como a sexualidade é coextensiva à nossa existência, sendo difícil de ser identificada por se generalizar em nosso Ser, mas sempre presente e inseparável desse nosso Ser como também o são todas as outras partes de nosso corpo.

Me parece bem equilibrada, a questão da corporeidade, entre o biológico e o social-histórico-existencial, já que nos chama atenção para o aspecto material de nossos corpos, subvertendo a noção de consciências flutuantes descorporificadas, porém sem ser biologizante, já que o corpo não é apenas matéria biológica, mas a existência em si. É no corpo que se dá a relação Terra-Mundo. Pensando nisso, ver com esses olhos que evoluíram por milhares e milhares de anos em nossa condição terrestre, assim como nosso nariz, boca, ouvidos e pele, traz o mundo à nossa existência, nos faz ser em situação, assim como a falta de qualquer um desses sentidos traz outra forma de existir no mundo. O mundo me invade pelos meus sentidos de tal forma que “mesmo se me absorvo na experiência de meu corpo e na solidão das minhas sensações, não chego a suprimir toda a referência de minha vida a um mundo” (Merleau-Ponty, 2018, p. 228).

Quando passamos a ver a existência sob esses termos, percebemos que a sexualidade não pode ser uma parte destacada de minha existência e de meu ser; ela é ontológica porque é corporificada. Quando pensamos em libido, não se trata de um instinto, mas de um “o poder geral que o sujeito psicofísico tem de aderir a diferentes ambientes, de fixar-se por diferentes experiências, de adquirir estruturas de conduta.

*É a sexualidade que faz com que um homem tenha uma história*” (Merleau-Ponty, 2018, p. 219, destaques acrescentados). Sendo assim, há uma fusão mútua entre sexualidade e existência, tornando impossível a separação entre decisões ou atos entre “sexuais” e “não-sexuais”: se a sexualidade é difundida na existência e vice-versa, tudo é sexual (Merleau-Ponty, 2018).

## **Existir Extático**

Reverberando essa coextensividade entre sexualidade e existência, Judith Butler insiste no caráter *ex-tático* de nossa existência como “*essencial para a possibilidade de persistir como humanos*” (BUTLER, 2022a, p. 62, destaques no original). O *ex-tático* aqui diz respeito àquilo que se anima com o que está fora de si, no caso, nossa existência com a existência de um Outro pelo qual me desfaço. Não há algo como uma existência intacta e individual, pois existir já é estar no mundo, publicamente no mundo, entregue desde o princípio aos cuidados, olhares e normas de Outros que não conheço e não escolhi (Butler, 2021b, 2022a, 2023b). Butler (2021b, p. 18) reforça: “Meu ponto é sugerir que já sou afetada antes de poder dizer ‘eu’ e que, de alguma maneira, tenho de ser afetada para poder dizer ‘eu’”.

O que é, enfim, a experiência urbana senão um êxtase? Um estar fora de si e entregue ao Outro? O ser-situado não é apenas um ser corporificado, situado em um corpo, mas, também, um ser que está situado geograficamente, está no mundo. Heidegger (2012, p. 127) coloca que “a maneira como tu és e eu sou, o modo segundo o qual somos homens sobre essa terra é o *Buan*, o habitar”. Esse habitar heideggeriano diz respeito à existência do *Dasein*, um modo de ser-e-estar no mundo. “A essência do habitar, portanto, é a relação ser humano-espaco conforme expressão de si, conformada e construída de acordo com o vivido; é a relação primária do ser humano com os espaços” (Brandão, 2016, p. 25).

Esse habitar o mundo nunca é um habitar isolado e indissociável, descorporificado e “desgeografizado”. Existir é existir no mundo, em relação a e com Outros, a partir de um corpo que é Terra, possuidor de sentidos, vivo, pulsante e geográfico. Somos mundo e somos juntos (Sebinelli; Moreira, 2023). As relações entre a população LGBTQIA+ e a cidade têm se dado há muito pelo desterramento, como no caso do Largo do Arouche, em São Paulo.

Mostramos, eu e Tiago Moreira (2023), o quanto o acesso à cidade, às experiências urbanas – e a validação dessas experiências – são essenciais para que se possa ter uma *vida vivível* (Butler, 2022a). Por isso, gostaria de argumentar aqui que esse desterramento não se dá apenas pela retirada física de pessoas dos espaços, seja pela violência explícita ou pela velada, que impede o acesso; ele acontece também pela deslegitimação das formas como essas pessoas existem e pelas quais experienciam a cidade, colocando-as como não válidas ou inexistentes, não compreendidas como formas de habitar. Trata-se de uma violenta herança colonial carregada e moldada pelo pensamento moderno, que entende que há uma forma única de ser, existir e habitar, que é absoluta, e que relega às dissidências de gênero e sexualidade a obrigatoriedade do lugar de violência e desterramento, porque são não-existências; é o habitar colonial (Ferdinand, 2022).

Marandola Jr. (2017, p. 35) nos mostra que

[...] pensando fenomenologicamente, a cisão entre pessoas e lugares é diluída (a exemplo de outras dicotomias): pessoas são seus lugares; lugares são suas pessoas ou, como propõe Lévinas, é na dimensão do existente, das existências concretas e circunstancializadas, que o lugar e o sujeito se desvelam, simultaneamente.

Enquanto pessoas que vivem nas cidades, habitamos e, portanto, somos, cidade. Como corpos, habitamos a cidade de maneira sexual, mesmo quando a sexualidade não parece óbvia para nós por se esconder sob a generalidade de nossa existência (Merleau-Ponty, 2018). Essa existência urbana sexual em êxtase é um modo de ser-e-estar-no-mundo.

Habitar urbano, como experiência: incompletude, imanência, ir de encontro, ser atropelado. Habitar a precariedade da existência, o limite, mas também o ordinário, no qual o encontro e o ser invadido pelo Outro, em sua abertura e multiplicidade, é possibilidade, mas está longe de ser uma normatividade dada e presente constantemente (Marandola Jr., 2020a, p. 38).

Textos como os de Lynch (2011) e Pallasmaa (2011) discorrem sobre a íntima relação existente entre arquitetura, urbanismo e corpo, fazendo uma aproximação que é muito cara a esse trabalho. Por isso, gostaria de olhar para um trecho do texto de Pallasmaa (2011, p. 37) denominado “O corpo no centro”:

Eu confronto a cidade com meu corpo; minhas pernas medem o comprimento da arcada e a largura da praça; meus olhos fixos inconscientemente projetam meu corpo na fachada da catedral, onde ele perambula sobre molduras e curvas, sentindo o tamanho de recuos e projeções; meu peso encontra a

massa da porta da catedral e minha mão agarra a maçaneta enquanto mergulho na escuridão do interior. Eu me experimento na cidade; a cidade existe por meio da minha experiência corporal. A cidade e meu corpo se complementam e se definem. Eu moro na cidade, e a cidade mora em mim.

Aqui é possível perceber que a experiência urbana, como já vinha argumentando, é indissociável de nossa corporeidade. Esse livro de Pallasmaa abre a possibilidade de percebermos que a arquitetura é experienciada não apenas pelos olhos, como nos leva a crer a Modernidade, mas por todo nosso corpo e todos os seus sentidos. Trazer, portanto, para a corporeidade a questão da sexualidade e suas possibilidades, me parece um modo de voltar para a Arquitetura em busca da intimidade erótica que perdemos com o mundo, como bem colocado por Pallasmaa (2008).

Pensar sobre essa confluência de debates entre sexualidade, experiência urbana, habitar e o fazer arquitetônico colocou, então, uma questão a ser trabalhada no processo: a de como abordar a pesquisa. Senti-me convocada, tanto pelo tema quanto pela provocação de Marandola Jr. (2020a), a **ter uma experiência**, o que me levou a pensar em fazer trabalho de campo.

O autor (2014, p. 210), argumenta que o trabalho de campo “nos coloca em contato direto com o mundo, levando-nos a conhecer (relacionar-se) os existentes (experiências singulares) ao mesmo tempo em que temos, nós mesmos, a experiência do objeto de investigação”. Para mim, era importante não apenas ter uma experiência urbana com a pesquisa, mas, acima de tudo, saber como outras pessoas experienciavam o urbano, como elas achavam que sua sexualidade aparecia em seus modos de viver.

Queria me embrenhar pelas histórias que elas me contariam e ver os lugares pelos seus olhos, em um ímpeto bastante “flaneusiano”, para lembrar, aqui, de Benjamin (2017) e Elkin (2022), um movimento muito inspirado pela história de Sophie Calle contada pela própria Elkin em seu livro. Essa era uma busca que não poderia realizar sozinha, porque a construção do habitar não é – ou não deve ser – ensimesmada (Lima-Payayá, 2023). Foi com essa ideia que comecei a delinear de fato a dissertação, trabalhando a metodologia junto à própria forma de apresentar a pesquisa na monografia, o que me levou às conversações, à arte e às crônicas.

## UM FAZER FENOMEOLÓGICO

Para começar a nos situar no campo, preciso dizer que essa pesquisa partiu de Barão Geraldo, em Campinas (SP), pois Barão Geraldo é minha **casa**. Não é tão simples quanto parece olhar para a própria casa, porque há um esforço enorme em perceber tudo aquilo que já está, há muito tempo, dado; por isso, considero que esse foi um desafio. Além disso, as pessoas com quem conversei eram pessoas próximas a mim. Os nomes surgiram em conversas com diversos núcleos de amigos e conhecidos, com algumas pessoas se voluntariando ao saberem do tema de minha pesquisa e outras sendo convidadas por mim, mas isso também trouxe desafios extras para o processo, uma vez que eu já conhecia mais ou menos aspectos de suas vidas.

Busquei alguma diversidade de experiências para compor meu campo, conversando com três pessoas. Pensando em uma pesquisa situada e que me incluísse enquanto pesquisadora, me fiz aparecer na pesquisa também como experiência, em uma espécie de “conversa-consigo”. Após conversar com essas pessoas e ler tanto sobre o assunto, pensei que havia muito de minha própria experiência de vida que poderia enriquecer o debate colocado. Sendo assim, apresento no trabalho quatro histórias como crônicas, em que uma delas é a minha própria.

Nos auto identificamos como um homem negro gay, um homem branco gay, uma mulher negra bissexual e, eu, uma mulher branca bissexual, com idades entre vinte e nove e trinta e dois anos. Duas dessas pessoas (homem gay negro e eu) somos pessoas gordas. Todos somos cisgênero. Pontuo que não nos descrevo aqui com o objetivo de nos substancializar ou objetificar, mas para situar nossas experiências no mundo, tanto corporalmente quando socialmente.

### Fazer

Desde que li o comentário de Marandola Jr. (2014) sobre o trabalho de campo, me coloquei a pensar como seria o campo que faria dali há uns meses. Muitos medos se colocavam sob a expectativa de viver aquilo que nunca havia vivido, algo que, além de inédito, também carregava em si muitas responsabilidades. **Mas... E se eu não souber ouvir?** Essa era a minha maior preocupação naquele momento: saber ouvir.

Não ouvir daquele jeito que nós fazemos às vezes, procurando aquilo que já queríamos escutar previamente e ignorar o que não entendemos. Não... eu queria

*realmente* ouvir. Ouvir as pessoas e suas histórias em seus termos, honrar aquilo que elas estavam me contando e, também (por que não?), deixar que tudo me penetrasse pelos ouvidos e pela pele até que a experiência de ter estado ali se tornasse parte de quem sou. Eu queria ouvir com os ouvidos atentos, amorosos, acolhedores. Ouvir com os olhos, com o nariz, com a boca. Queria ouvir com todos os sentidos que possuo, com todo o meu corpo.

Precisei, então, elaborar minha aproximação com o campo tendo esse objetivo em mente. Por isso, optei por retirar da metodologia tudo que pudesse me afastar de alguma forma das pessoas com quem eu me encontraria, como a possibilidade de roteiros, gravações, filmagens etc. Queria estar completamente presente no momento, sem me preocupar e ocupar com nada que não fossem aquelas pessoas, o que me levou a optar por conversas não gravadas e bastante livres. Em um roteiro mínimo, reuni o que julguei ser mais importante que os participantes soubessem: o profundo agradecimento por participarem e que se tratava de uma pesquisa que estava interessada nas relações entre a sexualidade e a experiência urbana. Entendo que falar em experiência urbana sem explicar todo o seu debate pode parecer estranho, mas optei por deixar que as pessoas se apropriassem intuitivamente do que ela significava, pois queria perceber os caminhos feitos em seus pensamentos e narrativas, queria observar os caminhos que o fenômeno faria para aparecer nas conversas, e não saberem exatamente o que o termo experiência urbana significava não os impediu de me inundar com as suas.

A partir daí, não havia mais roteiro. Para alguns fiz uma pergunta inicial sobre sua relação com Barão Geraldo, como haviam chegado e se gostavam de morar aqui. Outros, após minha fala sobre o tema da pesquisa, já começaram a contar histórias e dizer o que achavam relevante sobre o assunto. Busquei, então, uma escuta bastante atenta, tentando engajar com aquilo que mais me chamava a atenção nas falas de cada um, contando histórias similares que haviam acontecido comigo ou fazendo relações com livros, filmes e músicas que me aproximavam de cada um.

Sugeri também que a conversa se desse onde a pessoa se sentisse mais à vontade, pois sabia que conteúdos sensíveis poderiam aparecer, e quase todos aproveitaram esse momento para fazer algo afetuoso comigo, me levar a lugares que queriam me mostrar, descobrir lugares novos comigo ou, simplesmente, sentarmos no quintal de casa para tomar um café da tarde.

Rimos muito, choramos, nos abraçamos, tomamos chuva, experimentamos *croissants* maravilhosos, debatemos temas que nos tocavam, dividimos pequenos segredos de nossas vidas e descobrimos muito carinho, afeto e cumplicidade no caminho. Com alguns até debati alguma teoria que estava buscando no trabalho e sobre como abordar os novos recortes que estavam aparecendo nas conversas.

Como, obviamente, não poderia contar apenas com minha memória na hora de escrever a dissertação, combinei com eles que após a conversa, quando chegasse em casa, escreveria em meu diário de campo sobre aquilo que mais havia me marcado no encontro com cada um. Essa escrita no diário não foi, de forma alguma, uma descrição de todos os assuntos e eventos que havia vivido em campo. Ao contrário, foi uma escrita de impressão, um fluxo de sentires que escorriam para as páginas do caderno organizando poeticamente minhas experiências.

Pensar o campo como experiência exigiu que a escrita da dissertação fosse pensada de maneira diferente. Queria poder criar uma experiência com a escrita, assim como o campo havia sido para nós, participantes e eu. Buscava algo que saísse das páginas escritas e se fizesse corporificação por havia começado em um lugar de profunda intimidade e convocação.

A semente para pensar a escrita da dissertação de forma diferente havia sido plantada em mim muito antes do projeto nascer, quando tive contato com dois livros que mudaram bastante minha visão em relação a como eu gostaria de/poderia abordar a feitura desse trabalho. O primeiro o livro "*Flâneuse*", de Lauren Elkin (2022), no qual a autora toma para si a figura do *flâneur* em Walter Benjamin (2017), uma figura que é historicamente masculina, e a recoloca a partir de mulheres.

Nesse livro, Elkin mistura histórias de sua própria vida com histórias de outras mulheres (personagens históricas) para tratar da experiência de caminhar pelas cidades de Paris, Nova York, Tóquio, Veneza e Londres. É assim que, em uma mesma página, acompanhamos sua saga para encontrar uma universidade em Londres em que daria uma palestra com a vida de Virgínia Woolf, debatendo como o caminhar e o experimentar a cidade era fundamental para a existência e a obra dela.

Ou, ainda, podemos acompanhar os percalços de sua vida amorosa em Paris, lendo – vergonhosamente – Hemingway em um café qualquer, enquanto nos deliciamos com sua narração sobre a importância dos *Arrondissements* para a

filmografia de Varda, que celebra os diferentes bairrismos criados por eles dentro da cidade.

Ali, naquelas páginas, vi o potencial de escritas que propiciam experiências com sua leitura, que nos engajam a cada linha em histórias com as quais nos identificamos e que nos fazem, a partir dessa vivência em leitura, acessar os fenômenos de que estamos falando.

O segundo, que reforçou essa ideia e abriu caminho para que eu pudesse, de fato, trazer essa metodologia para dentro da dissertação foi o livro de Eduardo Marandola Jr. (2021), “Fenomenologia do ser-situado: crônicas de um verão tropical urbano”, publicação de sua tese de livre-docência. Nele, o autor traz cinco crônicas que partem de experiências de lugares específicos para trazer elementos ao seu argumento principal

Entre as crises de nosso tempo, duas estão em destaque: a crise do pensamento, como crise do sujeito, e a crise ambiental, como crise da civilização. Ambas são a mesma crise, entrelaçadas por um sistema produtivo que se sustenta em uma compreensão da relação sociedade-ambiente (natureza-cultura) cindida (Marandola Jr., 2021, p. 29).

Ele compartilha as experiências através da escrita de crônicas, buscando em cada uma o significado circunstancial dessas experiências de lugares específicos “e o que revelam em termos da tarefa de nosso tempo” (Marandola Jr., 2021, p. 63). Por meio de sua escrita não tradicionalmente acadêmica, pude experienciar, assim como havia acontecido durante a leitura do livro de Elkin, os fenômenos de que ele queria tratar.

Em outro texto, Marandola Jr. (2016b, p. 9), partindo de Clarice Lispector, discorre que “a escrita, como a vida, é pensada como fragmentos. As narrativas permitem brincar com tais fragmentos, dando-lhes sentidos, criando experiências e possibilitando interlocuções”. O dar sentido, aqui, não é entendido como fixidez, mas, sim, um apropriar-se desses fragmentos. Por isso, ele continua, “àquele que escreve, portanto, a tarefa não se refere a criar sentidos para a apreensão dos outros. O desafio é criar escritas que permitam, a cada leitor, uma experiência e a intuição de sentidos, circunstanciados à sua própria experiência”.

E foi então que tracei meu caminho para essa dissertação: partir da literatura e de seu olhar para os fragmentos de vida que, enquanto Arte, põe-se nessa dobra da Terra-Mundo e possibilidade o irrompimento da verdade do Ser, do conhecer à medida

em que somos (Marandola Jr., 2020b). A Arte, e a Literatura por consequência, abraça as sombras, dando ao mundo seus contornos, dando às coisas forma e profundidade. Esse jogo entre luz e sombras é muito caro à arquitetura, aos seus desenhos e projeções, e acompanha meu olhar até hoje.

Para trabalhar a literatura, escolhi as crônicas que, enquanto escritas intrinsecamente situadas, possuem a qualidade de permitir que transpareça, desde ela, uma dinâmica relacional entre o lugar irrompendo nas páginas e a experiência do personagem que, ao narrar, pode se utilizar de imaginação, memória, e impressões para expressar essa experiência.

A crônica permite também que se crie uma experiência de leitura que convoca engajamento do leitor, envolvimento com o sentir e viver pelos olhos de outros que se tornam seus próprios olhos. Muito como a própria experiência urbana faz, meu objetivo era evocar no leitor um caminhar pelas páginas que fosse linguagem, mas que não se reduzisse apenas à língua; queria evocar uma experiência corporificada para o leitor que, conduzido por minhas palavras, pudesse sentir o vento soprando em sua face, o cheiro dos cafés ou o impulso quase incontrolável de se arremessar ao Outro. Daí a opção por escrever grande parte da dissertação em crônicas.

Para mim, o escrever precisava também se tornar experiência, pois é escrevendo, como já disse, que me conecto com o mundo. Posteriormente, li um texto de Carolina Cantarino que traduziu muito bem o que almejava quando pensei a dissertação e o campo:

[...] a força poética que pode tomar a escrita – *a escrita como cosmopoética* – faz com que esta não diga sobre a alteridade, mas propicie tanto ao escritor/a quanto ao leitor/a as condições para que ele/a possa vir a se tornar outro após a escrita e a leitura. Não se escreve, portanto, para relatar uma experiência vivida, não se escreve sobre a experiência – faz-se da escrita-leitura uma experiência, uma experimentação: a escrita-leitura que propicia ao escritor/a-leitor/a as condições para uma experiência de alteração corporal, de *alteridade radical* (Cantarino, 2022, destaques no original).

Tive uma experiência que me afetou profundo, e foi só então que entendi toda a beleza de que falava Marandola Jr. sobre o campo. Por isso, essa pesquisa não é (e nem poderia ser) só minha. Essa pesquisa é de cada uma das quatro pessoas que conversaram comigo durante o processo, e que mudaram o caminho desse projeto a cada palavra e que não me deixaram mais ser a mesma de antes.

Por fim, quero pontuar também que as crônicas carregam em si a temporalidade da própria pesquisa, já que não foram feitas imediatamente após as

conversas, assim como não foram feitas simultaneamente entre si. O fio condutor de cada uma nasce numa relação entre os tempos: no momento da escrita começo pelas impressões que permaneceram comigo, resistindo ao esquecimento; ao mesmo tempo, essas impressões haviam me marcado no momento da conversa pela forma como sua honestidade brutal havia me atingido. Algumas crônicas levaram meses para serem escritas, outras apenas horas. Elas não apenas acessam, de alguma forma, as experiências de quem conversei comigo, mas há uma mistura de histórias minhas com as delas, bem como há também aqui sentimentos novos, de uma Mayara que passou por profundas mudanças entre as conversas e por causa delas.

Enquanto escrevia as crônicas e a dissertação como um todo, não pude deixar de evocar o sentimento de que estava vivendo algo muito parecido com o que é mostrado no filme “A Chegada” (Villeneuve, 2016), em que passado, presente e futuro se enlaçam, dissolvendo a ideia de um tempo que é contínuo, em linha reta. Diferentes versões de mim se sentaram em frente a esse computador e escreveram, borrando os limites do tempo, realizando trocas, reformulando propósitos.

As crônicas (com exceção de uma) foram lidas pelas pessoas que as inspiraram antes da redação final da dissertação e fico feliz em compartilhar que, sim, eu consegui ouvi-las e honrar suas histórias! Além disso, duas delas participaram ativamente em debates sobre a pesquisa ao longo dos meses de escrita e feitura.

*Uma tarde quente com bolo de maçã e café. A vontade de contar, sem filtros, tudo que já lhe aconteceu. Muitos sorrisos sinceros e algumas lágrimas. Tem coisas que ainda doem, não doem?*

*Uma história linda sobre viagem.*

## VIAGEM

Terminava de arrumar minhas malas quando um pensamento me ocorreu: chegou a hora, eu vou sair “pro crime”. Coloquei algumas roupas a mais, cheias de cores, brilhos e sensualidade que claramente contrastavam com as que já estavam lá. Até aquele momento, a mala exalava a seriedade, intelectualidade, pasteurização. Era um movimento repentino, mas um que eu precisava fazer.

Um perfume audacioso nunca fez mal a ninguém. Já era hora de ir para a rodoviária. Fiquei pensando em como estava feliz com a oportunidade de conhecer essa nova cidade, me conectar a pessoas novas, ter trocas interessantes sobre o trabalho, mas também em como teria de passar cerca de dois dias preso no ônibus. Parece uma quantidade exorbitante de horas para se passar sozinho consigo mesmo, tempo mais que o suficiente para pensar em minha vida toda e mais um pouco.

Coloquei os fones de ouvido e me sentei. O universo me abençoou com uma poltrona vazia ao lado, então pude esticar as pernas confortavelmente, fechar as cortinas e encostar minha cabeça no banco. Essa viagem começou muito antes dela realmente acontecer, muito antes do que qualquer um poderia sequer supor que ela começou. Não foi com o convite, não foi com a compra das passagens, não foi fazendo a mala. Essa viagem começou antes, muito antes, lá com aquela pequena “criança viada” de uma cidade interiorana. O ônibus que agora anda é apenas um detalhe de um caminho muito maior.

Coloco meus fones de ouvido e um sorriso cresce em meu rosto. Essa poltrona carrega muito mais que um corpo cansado; carrega uma série de vitórias em batalhas que há muito havia dado como perdidas, carrega um sonho, um fogo ardendo no peito de uma carne que já experienciou muita coisa antes de chegar aqui. Em um misto de alegria e tristeza, venço os primeiros quilômetros. Teria disposição para me acompanhar?

Crescer em cidades médias tem dessas coisas: você tem sempre o melhor e o pior dos dois mundos. Por um lado, uma cidade que é grande o suficiente para que haja sempre pessoas a se conhecer, lugares diferentes para ir, algum grau de anonimidade. Por outro lado, uma cidade que funciona em círculos, com um certo grau de vigilância correndo entre espirais que, de alguma maneira, sempre voltam para a sua casa, uma familiaridade, a sensação de que a qualquer momento o conhecido

chega novamente, inescapável. Em meio a isso tudo, se cria uma dicotomia estranha e formadora que te molda a essa lógica cinzenta.

Tem coisas que são apenas difíceis demais de esconder. Você pode negar, amenizar, tentar disfarçar, mas a verdade sempre estará escancarada na sua cara, em cada parte do seu corpo, do seu jeito. Para alguns, a experiência de ser uma criança queer é isso. O deslocamento, as palavras sutis (ou nem tanto) dos adultos tentando corrigir algo sobre você que está muito além do seu controle, o riso que fere. Você tenta se fechar para se proteger daquilo que nem sabia que poderia te machucar, que deveria sempre vir de um algum tipo de amor ou felicidade... como pode uma palavra de alguém que te ama ou uma risada doerem tanto?

Começa assim a grande batalha em esconder, mudar sua casca, tentar performar um novo personagem, um que doa menos. Mas atuar também dói, dói tanto quanto aquelas palavras que “só querem seu bem” ou as “risadas inofensivas”, e, no fim do dia, sua atuação é péssima, é fraca, não convence: seu corpo insiste em dar pistas do contrário de tudo que está tentando convencê-los de que se é. Sua mão te denuncia, seus olhos te denunciam, sua voz te denuncia. As lágrimas escorrendo pelas maçãs do rosto te denunciam.

O que lhe resta, gay? Resta viver sempre nas pontas do pé, no canto dos olhos, no sorriso escondido, no sonho de que, em algum tempo e lugar, o pé estará no chão, o olhar será incisivo e o sorriso escancarado. De tanto estar preso, você aprende a encontrar os sinais de quem, assim como você, também está preso. Isso te traz um misto de solidariedade e raiva, te faz querer acolher a pessoa em um abraço quente e expô-la, ao mesmo tempo, para que ela sofra com e como você. Alguns disfarçam melhores que outros, mas o corpo nunca mente.

Parada número um. Também hora de parar essa divagação que está virando tragédia homossexual, do jeitinho que o povo gosta: só desgraça e tristeza. O ponto todo está se perdendo. Quem sabe não melhora depois de um pão de queijo com café? O motorista grita que temos trinta minutos de parada. Melhor correr.

...

Certo, onde estávamos mesmo? Ah, sim... tragédia gay. Não, não. O ponto não é esse. Qual era o ponto mesmo? A viagem. Bem, percebe quando essa viagem começou? Pois bem, não estamos nem na metade ainda, continuemos.

Lá estava eu, toda felizinha, uma jovem gay na universidade. Lindo, quebrando todos os paradigmas e tudo o mais. Esse momento foi muito significativo para mim, não apenas por ter entrado na universidade pública, mas porque essa não é a realidade da minha família. Vindo da periferia, esse mundo não nos pertenceu por muito tempo, então estar ali, ocupando aquele espaço, tornou-se uma realização não apenas minha, mas de todos que estavam ao meu lado apoiando meus sonhos.

Era também um momento de possibilidades. Novas pessoas, novos ares, novas liberdades. Apesar de não ter saído da minha cidade, existia nesse contexto universitário alguma libertação. A essa altura esconder quem eu era de minha família, especialmente minha mãe, já doía demais. Decidi, então, que seria a hora de contar. Obviamente, ela já sabia. Como todos, até chegou a esperar algo diferente, mas já havia aceitado em seu coração há muitos anos e me amava incondicionalmente. Vamos ficar com esse momento mais um pouco, um momento de beleza, amor, carinho, acolhimento.

Me senti uma criança novamente no colo de minha mãe; ela passando suas mãos pelos meus cabelos cacheados, me dizendo com uma voz aveludada o quando me amava, admirava e queria sempre meu bem. Nós sempre fomos melhores amigos, minha mãe e eu. Mesmo que eu tentasse esconder toda uma parte de mim, ainda assim o que nos ligava era maior. Era um amor maior, construído com muito companheirismo, dedicação de risadas de perder o ar. Uma sorte minha realmente. Mesmo em meio a brigas, broncas e cobranças, nossa amizade ainda prevalecia.

Mas a vida é mais complexa, mais cheia de tonalidades no meio que a simplicidade de amor ou ódio, aceitação ou rejeição, carinho ou violência. Como pudemos perceber até aqui, eu já sabia bem disso. Você pode ser aceito em partes, outras podem ainda ser muito difíceis de lidar. Você pode ser querido e odiado pela mesma pessoa ao mesmo tempo. Na maior parte das vezes, nada é tão simples.

Nunca esqueci aquele acolhimento que minha mãe me deu ali, mas sabia também que, apesar de seus esforços mais honestos, havia limitações com as quais ela nem poderia lutar contra. Saber que, em qualquer medida, ela ainda me amava e estava disposta a me respeitar, já era algo a que me apegar. A partir daí tivemos sempre uma relação muito aberta e honesta, mas continuei carregando a nítida sensação de que o limite era logo ali: ver-me com outro homem seria demais. Então me sentia empacado nesse lugar de liberdade e prisão, no qual eu até poderia sair,

conhecer caras, me apaixonar e viver todas aquelas coisas que eu tanto queria, mas, ao mesmo tempo, sempre me acompanhava o medo de que, de alguma forma, isso poderia estar atrelado a ela e, conseqüentemente, ao resto de minha família. Poderia ser alguém que ela conheceria, poderia chegar aos ouvidos dela porque as pessoas falariam, poderíamos estar em algum lugar e ela nos ver.

Essa sombra da minha família, mesmo com toda a aceitação, sempre me rondava e, por isso, foi crescendo em mim um sentimento cada vez maior de que eu precisava ir para mais e mais longe. Não necessariamente sair completamente dali, mas buscar os relacionamentos em outro lugar. Nos aplicativos ou em viagens casuais, a procura estava sempre a pelo menos sessenta quilômetros de distância.

Em certa medida, isso consolidou minha sexualidade e a dualidade que me tornei. Havia essa parte de mim que pertencia à minha cidade natal, que estudava, trabalhava, cuidava da casa, fazia companhia para minha mãe, era suporte para os avós; e havia outra parte de mim que só existia completamente longe dali. Quando mudei de cidade por conta do trabalho essa separação se intensificou ainda mais: não podendo estar presente o tempo todo com minha família, senti-me deslocado de sentido, de lugar. Nessa nova cidade pude viver o inimaginável para a pequena “criança viada” que fui, indo a festas com glitter na cara, roupas coloridas, shorts curtos, dançando até o chão, beijando garotos em público sem me preocupar com alguém ver. Convivi com outros homens gays que se montavam, maquiavam, usavam saias e vestidos. Pude sair para ir em uma festa e não voltar para dormir em casa. Dormir na casa de desconhecidos, descobrir seus mundos particulares, suas fantasias e seus segredos, apenas para nunca mais nos vermos depois.

Uma liberdade tão grande só poderia vir com um gosto amargo, um preço a ser pago, e esse preço era uma dissociação, uma sensação de que havia perdido algo em mim, mas havia também ganhado tanto... como isso podia ser? Onde era minha casa? Quem eu era?

Esses mundos não estavam completamente separados, evidentemente. Um recebia, querendo ou não, notícias do outro e vice-versa. Voltar para a cidade natal e compartilhar com minha mãe edições de tudo que vivia na nova cidade. Estar na nova cidade recebendo telefonemas e mensagens de lá, como se eu nunca tivesse saído. Como o Visconde partido ao meio de Calvino, um ser dividido em dois, um bom e um mau. Mas qual seria qual: o mau estaria na cidade natal ou na nova? E o bom?

Depois de muito refletir e sem chegar realmente a nenhuma conclusão, penso que talvez eu não caiba nessa dicotomia; ou, então, o bom e o mau dependam mais de quem está perguntando do que de mim propriamente.

Segunda parada. Dessa vez, uma mais longa, de uma hora. Vai ser bom para reorganizar meus pensamentos que fazem curvas tão acentuadas quanto essas estradas de Minas. Talvez, quando atravessarmos planícies e planaltos, eles se estruturarem de outra forma.

...

Revigorado. Nada como uma boa comida mineira para melhorar os ânimos de uma gay cansada e que, já a essa altura, está com dor nas costas.

Até agora tem sido uma boa viagem, não é? Muita coisa para pensar entre uma vista estonteante e outra. Enquanto me preparava para essa viagem ao Recife, comprando passagens e reservando hospedagem, percebi que era a hora. Senti que havia feito as pazes com minhas metades, aceitado suas semelhanças e diferenças, me comprometido com as duas e, portanto, essa viagem seria também uma viagem de autodescoberta, não exatamente descoberta, mas... explorar vontades, “meter o louco” em tudo e apenas fazer seja lá o que me der na telha.

Será que em Recife alguém vai querer tocar esse corpo tão cansado de ser preterido? Esse corpo gordo, afeminado, preto? Errado em tantas formas e, ainda assim, tão desejoso de ser amado, desejado, tocado? Quando é que para de doer sentir o mundo assim, com essa pele, esse cabelo, essas mãos? É possível parar a dor?

Estou me sentindo exaurido do balanço desse ônibus. O balanço cansa os músculos do corpo, cansa o pensamento, cansa a alma.

...

Recife, terra quente, cidade linda. Que sonho! Esse mar que entra na nossa alma, essas pontes ligando sonho e realidade, trazendo algo de mágico para a cidade. Arquiteturas belíssimas, cheias de detalhes, a vida nas ruas. Um mundo novo bem a minha frente. Será que ele se mostrará acolhedor ou austero? Mal posso esperar para descobrir.

Me encaminho para o hotel, tomo meu muito merecido banho, me deito na cama deliciosa sem roupa e deixo o vento me secar. O calor correndo na pele, a respiração vagarosa e pesada. Sinto todo o peso do mundo em cima de mim nesse

momento. Peço uma comida qualquer que enfio na boca enquanto aprecio a vista da janela de meu quarto, sem dar muita atenção ao sabor dela, mas prestando toda a atenção nas cores da cidade.

São três horas da tarde do domingo. Talvez seja um bom momento para conhecer coisas na cidade. Saio andando sem destino, apenas absorvendo cada esquina, cada sombra, cada árvore. Vou a algumas praças, como em uma feira, fico sentado à beira do mar. A noite cai e com ela a vontade de me jogar no mundo cresce. A sensualidade das luzes mexe com meus sentidos e me leva de volta ao quarto. Pesquiso um pouco na internet e descubro esse lugar. Um point gay que parece promissor. Coloco minha roupa sensual, um pouco de brilho na cara e o crime está pronto para ser cometido.

Peço um carro de aplicativo já com aquele outro aplicativo aberto<sup>3</sup>. Agradeço ao universo me abençoou com o dom de ser tão gay num lugar com essa quantidade de homem bonito. Mal posso esperar para chegar à festa. Saio do carro, olho para aquele lugar e não sei o que sentir. É um pouco escondido, já escuto a música lá de fora, a animação, os gritos. Na porta, dois homens que mais pareciam anjos. Troco olhares com eles, mas continuo andando em direção à muvuca. O calor molhado invade meu corpo, o cheiro de suor, bebida, perfume e pecado entrando pelo meu nariz e descendo pelo corpo me arrepia. A batida da música acelera meu coração.

Peço uma bebida no bar e quando menos espero estou entre dois desconhecidos me esfregando e dançando até o chão. Nos beijamos e eles me puxam pela mão até o meio da pista. Sem perceber já estou beijando outro. Danço, danço, danço. A cabeça girando, leve, livre, molhada de suor. Deixo a noite me levar como uma pluma ao vento. Hoje não quero saber seu nome, o que você faz, quem é você. Hoje eu quero apenas seus lábios nos meus, sua pele encostada na minha, sua mão acariciando meu corpo naquela cama macia.

Acordo ao lado de um homem que nem lembro o nome. Será que cheguei a perguntar? Que loucura... nunca havia feito isso na minha vida toda. Está perto da hora de sair para ir ao evento de trabalho, então o acordo para comermos algo. Descubro seu nome, flashes de sua história, alguns gostos. Apenas o suficiente para preenchermos o silêncio do café da manhã. Trocamos números, nos arrumamos, a

---

<sup>3</sup> Existe um aplicativo de relacionamento para homens gays que é usado para marcar encontros sexuais casuais, sem que necessariamente haja longas conversas entre as partes. O objetivo é ter relações sexuais rápidas, dentro de poucos minutos ou horas, podendo ou não acontecer em lugares públicos.

despedida chega com um beijo inesperado que acende em minha memória tudo que fizemos na noite passada. Um calafrio percorre meu corpo lembrando de seus lábios tocando vagarosamente meu pescoço enquanto sua mão firme tirava minha roupa.

Vou andando até o local do evento. Encontro conhecidos, amigos de profissão e outros que eu só conhecia de nome. Passo o dia como se nada da noite passada tivesse acontecido. A seriedade toma conta de mim, assisto às apresentações, debato com colegas, aprendo muito, mas a noite era sempre a mesma coisa: tomar banho, colocar glitter na cara, abrir os aplicativos de encontro e ir conhecer um novo lugar. Às vezes encontrava alguém que já havia conhecido, outras conhecia pessoas completamente novas. Mas as noites eram sempre meu momento de libertação de seja lá o que me amarrava antes.

Sentir meu corpo desejado, tocado, suado. A música sempre alta embalando todos os meus movimentos. Sentir meus músculos reagindo a cada toque, cada batida, cada luz. Descobrir tantas histórias, nomes, vidas. Perder-me nas curvas tortuosas de tantos corpos e me encontrar depois em suas retas. Cheiros, sabores, composições. Parecia um sonho. Parecia uma parte de mim que nem eu mesmo conhecia.

Como um piscar de olhos, chega a sexta-feira. Sábado às duas da tarde embarco com destino à realidade novamente. Resolvo ligar para o cara do primeiro dia e marcamos de nos encontrar para jantar em um restaurante pequeno, perto de onde eu estava ficando. De lá, ele me põe na garupa de sua moto e me leva para conhecer alguns lugares que gosta na cidade. Nos beijamos sob uma noite quente e, de repente, já não sei se o calor está no mundo ou em mim. Voltamos para aquele quarto onde tudo começou e passamos a noite entre lençóis, roupas jogadas e gemidos. Senti-me vivo, aceso, inteiro.

Na manhã de sábado, passamos horas conversando sem roupa enquanto comíamos besteiras e nos beijávamos ao som de músicas que nunca tinha ouvido. Juras de paixão e promessas de encontros foram jogadas ao vento. Roupas entrando na mala entre mãos e beijos carinhosos. Passo a chave pela porta e um nó se forma na minha garganta. Já está na hora de voltar. Uma última volta pelo bairro, uma carona em sua garupa até a rodoviária, minhas mãos te apertando forte, como quem não quer deixar o momento escapar.

Um último beijo, um abraço apertado e um caminhar a passos lentos e pesados. Quando entro no ônibus, me sento na poltrona e um suspiro se desfaz em mim. O ônibus começa a andar e Recife passa pela janela. Quando eu menos espero aquele oceano todo está nos meus olhos, escorrendo sereno pelo rosto e molhando a camiseta. Obrigado por tudo, Recife, prometo nunca te esquecer.

*Café no A.B.. Tarde quente, mas agradável. Cappuccino e croissant – Oh! The fluffiness!*

*A tensão, o desencontro nos olhares. O excesso de explicação. Hesitação. Voltas. O barulho da rua. Desejo e medo de navegar histórias.*

## FANTASIA

Já teve um sonho que era tão bom que não queria acordar?

Fechei os olhos e lá estava você: encantadoramente comum, lindamente estabonado, descobrindo tudo pela primeira vez de novo e de novo, brilhantemente fora do lugar. Se maravilhando com as coisas mais ordinárias como se elas importassem. E, de repente, elas eram tudo o que importava. Agora é tarde demais... já estou perdido no seu olhar, na sua boca, entre os seus dedos. *Oh, the misery!* Lá vamos nós novamente rumo a esse oceano de sentimentos, carrossel de querereres, coisa mais mundana.

Seu cabelo caindo na testa, perfeitamente desarrumado. Aquela gota fria de suor desceu através dos pelos das minhas costas, queimando minha pele e congelando minha espinha, abrindo caminho pela minha alma e me fazendo tremer com o calafrio. A boca imediatamente seca, olhar fixo no seu, aquela sensação entre formigamento, frio e leveza que começa no peito e sobe devagar pelo pescoço até alcançar a nuca. Espero que ninguém perceba. Deixar tudo assim, entre o dito e não dito, é onde eu gosto de ficar. É a realidade colorida com fantasia e a fantasia com pitadas de realidade.

É seu toque não intencional no meu braço que alimenta meu sonho numa sexta à noite, quando você sobe sua mão lascivamente pela minha coxa nua, procurando, olhando ardentemente no fundo dos meus olhos. São seus shorts enroscando no braço da cadeira que me mostram aquela parte da sua barriga por onde eu passei minha língua quente e desejosa em um sonho da semana passada. Foi você enroscando seus dedos no meu cabelo enquanto mordida meus lábios no sonho da noite passada que me fez acordar hoje olhando pra sua mão, sua tão estupidamente ordinária mão, como se ela fosse capaz de coisas que não devem aqui ser ditas.

E elas são. Porque não importa que aqui e agora, olhando para você nessa mesa fria, eu tenha a certeza de que nunca faria nada; o que eu vivi nos meus sonhos quentes e molhados foi real:

|  
Porque há desejo em mim, é tudo cintilância.  
Antes, o cotidiano era um pensar alturas  
Buscando Aquele Outro decantado  
Surdo à minha humana ladradura.

Visgo e suor, pois nunca se faziam.  
 Hoje, de carne e osso, laborioso, lascivo  
 Tomas-me o corpo. E que descanso me dás  
 Depois das lidas. Sonhei penhascos  
 Quando havia o jardim aqui do lado.  
 Pensei subidas onde não havia rastros.  
 Extasiada, fodo contigo  
 Ao invés de ganir diante do Nada.  
**Hilda Hilst – Do Desejo, 1992**

Nos momentos de angústia lasciva, fantasiei caminhos que não existiam e que me levaram ao alívio do gozo quente; e, agora, os caminhos estão aqui, abertos na minha cabeça pelo desespero ardente, queimando na minha retina, fazendo parte de quem eu sou, mudando a forma como te vejo, conduzindo meu olhar pelo seu corpo como quem já o teve entre os dentes sem nunca termos sequer tocado os lábios.

Ando pelas ruas com você torcendo para que pensem que estamos juntos, esperando que nos olhem e imaginem tudo aquilo que fizemos ontem à noite no meu sonho. Enquanto fazemos esse caminho diário, tão brutalmente cotidiano e banal, imagino como seria se andássemos por aí de mãos dadas, ou, então, e se a gente acabasse “Fudendo no banheiro do bar / embriagados, gritando que a cidade é nossa”, como profetiza Baco Exu do Blues, em *Te Amo Disgraça?* Obviamente eu nunca faria isso, mas, na minha cabeça, já fiz um milhão de vezes.

É esse desejo, que começa sempre fantasioso e pode ou não se realizar, que nos move. É essa fantasia que nos coloca sempre nesse movimento (real) para fora, nos arrancando das profundezas da mesmidade e nos arremessando, impiedosa, violenta e inevitavelmente, ao mundo, a ele ou àquele Outro... eu a você e a tantos outros que nem lembro mais. O desejo que faz tudo cintilar porque queima e acende na nossa alma.

Num mundo tão pudico e frígido, parece loucura dizer que o que nos dá nossa existência é essa vontade incontável de simplesmente foder.

Reencantar esse mundo desencantado –

tão negacionista do nosso corpo e dos seus desejos –

Com a vontade de sentar em você, chupar você, morder você

Esse desejo que encanta, desencanta, reencanta

Colore o mundo quando vem

Acinzentada quando vai

Busca pelo Outro, incansável, nas ruas, no ônibus, a pé ou de carro, nos bares, no cinema, nos livros. Me toco pensando em você e o toque já não é meu, é sua mão quente e firme envolvendo esse movimento contínuo de vai e vem.

A realidade nua e crua é que eu não quero tudo isso de verdade. Não aguentaria uma semana. Veja: aqui, nesse entre, é onde eu fico à vontade. Estar no meio, tocando tudo, permeando, lusco-fusco, borrão... Não é aí que as coisas ficam verdadeiramente interessantes? Às vezes a coisa toda só funciona na fantasia, e isso não a torna menos real. E talvez eu alcance minha paz quando finalmente abraçar essa forma da minha existência. Eu preciso realmente viver e anunciar para ser o que, na minha fantasia-realidade, eu já sou?

Conheço os caminhos da ambiguidade como a palma de minha mão. Ando na ilusão onde me colocam e, de lá, posso estar perto e entremeado pelos que me tiram de mim, mas percebido só pelos olhos e ouvidos mais atentos. Ando sem medo, sem pressa, como só os que têm o mundo na ponta dos dedos podem fazer.

Quando cheguei nessa cidade, não sabia o que esperar. Apenas vim sem pensar, um futuro brilhante à frente, universidade. Foram as pessoas que fizeram o lugar para mim, esse lugar que foi se tornando minha casa, meu ser. Descobrir cada canto, comer, beber, ouvir música, assistir a peças, filmes, shows, festas. Viver a cidade a partir do meu entre-lugar. Criar rotinas com esses amigos, relações que foram bordando a fios de ouro um elo inexorável entre lugares-pessoas-eu. Desejos, fantasias, realidades. Fui sendo, assim, permeado pela paixão não correspondida de cada um e por amizades sinceras, me encantando por tantos pedacinhos desse chão, gravando em mim cada experiência.

Hoje, mais de uma década depois, esse lugar e eu somos um. Como um livro de contos, cada esquina guarda um pouco de mim, da minha realidade e da minha fantasia. Quando te levo aos lugares, é um pedaço de mim que quero te mostrar, é uma história, um desejo, uma aventura que quero te contar, porque assim posso ver em seus olhos aquele brilho de quando descobre algo novo e me inundar do sonho de que poderíamos também viver coisas assim.

*Stop and wait a sec  
When you look at me like that, my darlin', what did you expect?  
I'd probably still adore you with your hands around my neck  
Or I did last time I checked*  
**505 – Arctic Monkeys**

Talvez fosse mais simples eu apenas te falar sobre tudo isso, mas aí não faria exatamente meu estilo, não é? Prefiro ficar aqui, te olhando por trás dos meus óculos escuros enquanto você se debate para tentar escolher algo para comer entre tantas opções, e ficar pensando sobre tudo isso que eu podia te contar. Tudo que já imaginei de nós, tudo que já vivi de nós. Então, no fim do dia, você vai pedir exatamente a mesma coisa que eu, e eu... ah! Eu... vou continuar apenas vivendo tudo à noite, sozinho entre meus lençóis.

*I'm always just about to go and spoil the surprise  
Take my hands off of your eyes too soon*  
**505 – Arctic Monkeys**

*Can you see the beauty?* Nem só luz e nem só sombra: a beleza está no mistério criado do encontro dos dois, nessa dança serena que dá contorno às formas, realça o brilho dos materiais, cria volumes, cores, tonalidades, interesses. Talvez, no fundo, você saiba como me sinto, deve ser impossível não saber, e aposto que gosta de viver isso assim. Apesar de sempre estar quase a te contar, o medo de que seja complicado demais ou cedo demais me impede; mas você sabe que, assim como te levo para minha cama comigo, você também me leva para seus encontros com essas tantas meninas, sugerindo para elas os pratos que eu te mostrei, indo aos lugares que eu te levei, contando as histórias que eu compartilhei.

*I'm going back to 505  
If it's a seven-hour flight or a forty-five-minute drive  
In my imagination, you're waitin' lyin' on your side  
With your hands between your thighs and a smile*  
**505 – Arctic Monkeys**

A complexidade do viver é absolutamente encantadora. Aqui na carnalidade, onde a verdade e a mentira não importam tanto assim, aqui onde realidade e fantasia se misturam, aqui onde desejo, carinho, companhia, amizade, toque, distância, raiva e frustração se amalgamam, virando um lamaçal de vida, eu vou, até o dia em que me cansar desses seus olhos doces, como cansei de tantos outros, e encontrar um novo rosto de realidade para alimentar minhas fantasias. Um outro garoto que vá trazer

novos ares para a minha vida velha, cansada e repetitiva, que vá achar graça do meu mau humor, da minha ranzinzeira, e me dará coisas novas das quais rir.

Talvez aí você se ressinta. Talvez sinta que perdeu um pedaço de mim. E, em certa medida, realmente perdeu, porque esse desejo que tenho por você é parte do personagem de mim que você tanto ama, que você conhece, com o qual você brinca. Eu sei que minhas intenções muito mal escondidas te atizam. Você gosta desse palco imenso que eu te dou, da minha direção de arte para a sua vida, do roteiro que eu escrevo para nós todos os dias. Te dá um frio na barriga, não dá? Quando você vê as palavras chegando perto da minha boca, prestes a confessar. Estragaria tudo porque, assim como eu, você prefere não esclarecer. O jogo é a melhor parte: eu fingindo que é só amizade, você fazendo de conta que acredita, e nós dois criando toda essa nossa intimidade torta e perfeita.

However, don't fear, little boy. Mesmo quando outro chegar, e ele vai chegar, ainda me lembrarei de você. Nossas histórias – e não histórias – estarão marcadas nessas esquinas em que fizemos nosso cotidiano, nas sombras das árvores pelas quais passamos, nos pratos que pedimos nos restaurantes, nos caminhos que fizemos enquanto caminhávamos sem rumo e que guardaram cada uma de nossas conversas.

Por isso, pequeno, vamos viver esse hoje, vamos escrever mais e novas histórias, vamos viver esse sonho bom do qual não quero acordar, porque é hoje que “até quem me vê lendo jornal na fila do pão sabe que eu te encontrei” e porque é hoje que quero ir com você “onde o vento for / que pra nós dois sair de casa já é se aventurar” (Último Romance – Los Hermanos). Vamos sonhar antes que chegue a hora de acordar.

*Muita ansiedade para esse encontro. Mal eram três da tarde e eu já estava pronta, repassando em minha cabeça tudo que gostaria de te perguntar.*

*Vamos a uma cafeteria que você queria me mostrar, uma que eu não conhecia. Pedimos nossos cafés e bolos, e vamos nos sentar lá fora, longe dos ouvidos curiosos. Sem nem ao menos perceber como chegou, de repente estava imersa em uma história que nunca havia imaginado. Sua história é tão linda quanto você.*

## INFINITO

Luzes apagadas, tudo escuro. Começam acordes de um baixo muito pesado que impõe seu tom grave e intimista para essa celebração da sensibilidade. Pelos do braço se arrepiam imediatamente. No meu corpo está inscrito tudo aquilo que sou, que fui e que serei. Cada curva e marca, cada gota de suor e saliva, cada desejo e cada pensamento. Sentir o mundo através desses olhos da pele e poder, assim, experimentar.

Falando assim parece uma tarefa fácil, essa de ser um corpo. Mas não é nada ordinário ser assim quando parece que, o tempo todo, tentam tirar meu corpo de mim. Diminuí-lo, petrificá-lo, corrigi-lo. Dizem-me que é errado sentir o que eu sinto, desejar o que eu desejo e ser o que sou. E quando não é errado, é romantizado, fetichizado, petrificado de uma outra forma, que não condiz com o que eu sinto. E parece que demorei décadas até perceber isso.

Desde pequena me era falado sobre tudo aquilo que eu não podia ser. Parecia que ser mesmo, eu só podia ser o resto das coisas que eu não podia primeiro, entende? Não podia viver no pecado, não podia não crer. Restava viver uma suposta santidade, que todos sabiam que era uma grande balela, mas que, mesmo assim, continuávamos a atuar.

Fui me deixando no caminho, tentando me encontrar naquelas paredes da Igreja, naquelas pessoas, nos eventos e em todas aquelas atividades que pareciam nunca ter fim. Eu podia ser o que eu quisesse, desde que fosse naquele lugar, com aquelas pessoas e com a benção do pastor. Tudo o que eu quisesse, desde que me fosse oferecido – logicamente.

Desse lugar, surge um namoro, uma oportunidade de me encaixar, de fazer todos felizes, de pertencer talvez? Um rapaz muito admirado na Igreja, atuante, homem de fé. E, assim, no meio dessa atuação, fui descobrindo as meias verdades, meias santidades. “É o que todo mundo faz”. E fazia mesmo, nas sombras, longe do alcance dos olhares purificadores de nossos pais, pastores, irmãos. E aí descobri prazer. Prazer e dor. Prazer e violência. Na verdade, descobri o que era supostamente para ser o prazer. Parecia incapaz de o sentir, mas me diziam o tempo todo que aquilo era ele, o prazer. E junto com aquilo que era para ser, mas não era, vieram abusos, violência e muita dor.

Assim como não podia compartilhar com ninguém sobre aquele “prazer”, também não podia conversar sobre as dores que vinham com ele. Não podia pedir ajuda, conselho, colo de mãe. Só podia sentir tudo sozinha, porque é isso que “todo mundo faz”. Sentia-me errada, sempre errada. Errada em fazer o que não era para fazer, errada em não sentir prazer naquilo, errada porque aquele homem santo me dizia que eu era errada e, portanto, sortuda de tê-lo comigo. E aí tentava lavar tudo isso, com água e sabão, para ver se aquele erro todo saía de mim.

A frustração com todo aquele poder-não-poder sempre me deu a impressão de que eu só poderia ser completamente longe dali. Lógico que nada disso eu fiz de maneira consciente, muito disso é uma projeção minha de agora olhando para trás. Ainda assim, o movimento foi feito, esse movimento que é vida e que, assim, foi me levando para outros seres. Acho que esse movimento nunca acabou, sempre me empurrando para mais e mais distante. Comecei sutil, com os livros. Ia lendo sobre todas aquelas vidas e história, vivendo o mundo através delas. Depois, eventualmente, mudei de Igreja, de cidade, estado, país. Parecia que eu iria finalmente conseguir ser e fazer lá, naquele infinito, naquele lugar outro, longe daquele falso prazer e daquela tão verdadeira dor. Eu era devir.

Não é que tudo era ruim, mas tinha sempre algo que não estava ali. E, assim, fui indo... Pulando de lugar em lugar e aprendendo a ser de novo, e de novo, e de novo. Quando não podia mudar, voltava para os livros e ia pulando por ali mesmo, de página em página.

Até que numa dessas páginas descobri ressonância para a minha dor, tão profunda dor. Fui vendo que aquela dor era para além de mim, era uma dor maior, que atravessava muitas existências. E aí fui dando forma àquela dor, uma forma de menina-mulher. E junto com essa forma fui descobrindo que também eu tinha uma outra forma, uma que era maior do que aquela que me disseram que eu poderia ser ou do que eu havia me permitido ser.

...

Um dia ela passou... linda, linda, linda. Imaginei que tinha o melhor cheiro do mundo e, de repente, queria me afundar naquele cheiro, beber aquele cheiro. Me perder em cada curva tentando agarrar aquele perfume que evaporava tão efêmero quanto aquele segundo em que nossos olhos se encontraram.

E foi assim que ali, naquela calçada tão quente, numa contemplação veneradora, libertei minhas vozes e vontades, e apenas fui. O desejo por aquilo que sempre escondi, sempre silencieei, estava ali, parado na minha frente. Como o perfume dela, minhas verdades também foram levadas pelo vento: eu também queria aquele perfume, como quis tantos outros antes. No silêncio estarrecedor desse encontro, apenas conseguia sussurrar ao vento: Me encontra, lindeza... Me encontra no infinito.

O medo da rigidez de uma completude logo tomou todo meu corpo. Será que agora que eu sabia e abraçava o desejo por esse cheiro, isso significaria que então eu só iria querer ele agora? Tudo que eu havia vivido até então seria uma mentira, uma ilusão?

Eu nunca realmente pude sentir aquele cheiro. A vida seguiu, mas nunca mais a mesma. Agora eu sabia que era maior, então pude viver maior. Com o tempo entendi que eu era uma personagem complexa, ambígua, contraditória. Percebi que podia gostar de todos aqueles perfumes e, também, de muitos outros. Talvez não ali, talvez não naquele momento, mas, ainda assim, poderia. Possibilidade de ser, de desejar. Me encontrar no infinito.

Certo dia, então, mudei para essa outra cidade, 8 horas de viagem. E foi ali que tudo se encaixou. Nesse novo lugar, sentia que podia ser completamente eu. Abracei minha verdade e a coloquei no mundo. Permiti-me olhar, desejar. Como personagem complexa que sou, é claro que nunca me relacionei com nenhuma mulher ali. Por coincidências ou por feitos do inconsciente que só a psicanálise poderia explicar, ali só me relacionei com homens; as mulheres eu buscava mais longe, mais perto de casa.

Difícil explicar, portanto, porque é que ali me sentia com tanta verdade. Parecia que todos à minha volta estavam felizes em me ver apenas sendo eu. Algo sobre essas ruas cheias de árvores, essas pessoas, seus jeitos de se vestirem. Algo sobre esses cafés, esses bares, essas praças. Seria o ambiente acadêmico espalhando sensibilidade por todo o espaço? Seriam os encontros, que esse lugar me permitiu, com pessoas que me viram profundamente, que me encheram com sua sensibilidade, me cultivaram? Seria a diversidade de corpos e jeitos que me deixavam confortável para apenas ser? Luzes azuis claras, um ritmo animado, voz grave.

Eu só não posso mais me ver assim  
Cada vez mais distante de mim  
Eu não quero mais pouco, quero voar

Eu perdi o medo da chuva para poder reencontrar  
 A metade dessa vida que não me deixaram usar  
**Antes de Tudo – Liniker**

Não sei dizer, e sei que tudo isso parece uma volta grande demais para chegar aqui, nesse momento em que te olho como se nada mais no mundo importasse. Mas é que te beijando assim, nessa profundidade de paixão, tesão e liberdade, um filme inteiro passa bem em frente aos meus olhos e não posso deixar de pensar em como o vento levou minhas palavras naquele dia e como o mundo escutou, escutou essa minha súplica e me trouxe até você. Você que, aqui no infinito, finalmente me encontrou.

Algumas vieram antes de ti, é verdade, assim como alguns também. Acho que o tempo foi tornando o desejo mais fácil, mais nítido. Andar naquelas ruas frescas, vento batendo no rosto e sentir que ali eu podia olhar, apreciar, venerar aqueles corpos curvilíneos que passavam por mim com seus cabelos ao vento, segurando tantos livros, tanta vida e tantas possibilidades. Foi nessas esquinas que, como uma criança, aprendi a caminhar novamente, maravilhada por tudo que havia além de mim.

Meu corpo mergulhado nessas sombras frescas, sentindo na pele o que é que significa olhar assim, para fora de mim, para a imensidão de mundo. Descobrir que minha pele sente cada cor, cada calor, cada olhar. Escutar os pássaros cantando, as pessoas conversando, os carros passando. Fechar o olho e imaginar nós duas naquele café falando obscenidades no ouvido uma da outra, entre risadas e conversas afiadas sobre aquela exposição que fomos ver semana passada.

Sim, eu me entreguei. E, não, não estou com medo agora. Pela primeira vez, embalada por essas músicas que tanto me movimentam, estou aqui, mais completa que nunca. Quero te beijar na frente de todas essas pessoas, quero deslizar minhas mãos pela pele tão macia de seus braços, quero segurar sua cintura tão fina e trazer você para perto de mim. Nós duas aqui, no show dela, que tanto me toca... Nós duas no infinito, e eu gritando

Pra quem não sabia contar gotas, cê aprendeu a nadar  
 O mar te cobriu sereno, planeta Marte  
 Sem ponto, sem vírgula, sem meia, descalça  
 Descascou o medo pra caber coragem  
 Sem calma, sem nada, sem ar  
**Psiu – Liniker**

Porque eu, que não sabia contar gotas, aprendi a nadar. Porque eu descasquei o medo pra caber coragem. Nesse corpo senti o mundo todo: todo o medo, os olhares, toda a violência; mas também todo o desejo, o sol quente queimando minha pele, o prazer, a alegria e seus lábios nos meus desfazendo beijo em sorriso sincero. Não é tarefa fácil ter um corpo: ter um corpo é ser para além de você, é existir em um junto-separado de uma materialidade que me prende sozinha nos meus pensamentos ao mesmo tempo em que sinto, vejo, falo, ouço e degusto a existência alheia tanto quanto ela o faz comigo também; é sentir na carne o que está para além dela, e tentar encontrar o caminho pelo qual caminharei com esse corpo em meio ao junto-separado da existência sem me perder. Talvez seja também me perder porque nunca estive achada. É sentir tanto que dá um nó na garganta, suadouro, vontade inexplicável de te beijar e te apertar tão forte que queria me fundir com você.

Nossas mãos se tocam, nossos corpos balançando ao som da música. Pensar em todo o caminho que eu percorri para ter coragem de viver esse momento faz uma lágrima escorrer. Você sabe, não sabe? Nos seus olhos tem um rio escorrendo, sereno, molhando meu coração com a certeza de que você também sabe. Sabe o que é ter um corpo assim, sabe como é sentir e desejar assim.

Porque me encontrei no infinito, descobri aqui minha casa. Porque me descobri infinito, encontrei nesse corpo minha casa. No meu corpo está inscrito tudo aquilo que sou, que fui e que serei. Me encontra no infinito é o que meu corpo me sussurrou naquele dia, uma súplica urgente para que eu não mais aceitasse uma casa pequena demais para tudo que ainda serei, viverei. Sou devir gigante, sou o fundo do oceano. Então me beija sem medo.

*Você já tentou se autoentrevistar? Foi uma experiência única pensar em como fazer isso. Estava ainda pensando muito sobre aquele texto de Pallasmaa (discutindo sobre reerotizar a arquitetura), então me deitei na cama, olhando para o teto. Músicas da playlist proibida tocando alto no fone. Comecei a pensar sobre todos os lugares que caminhei e me lembrei daquele ano de cursinho em que frequentei o Cambuí todos os dias, inclusive de finais de semana. O resto é crônica.*

## CAMBUÍ

Ando por essas calçadas sombreadas por prédios altos e embalada pelo barulho dos carros que insistem em encher as ruas apertadas do bairro. Não sei explicar realmente o porquê, mas há algo nesse bairro que me enche de desejo pelo que nem sei. Sento na padaria para tomar um café e olho pela vidraça. Essa é minha mesa favorita, em um canto fresco e colado ao janelão pelo qual observo todas essas varandas feitas de um concreto frio e cinza que mexem com a minha imaginação. Todas as vidas que eu podia viver. Tudo que eu podia ser.

Eu podia estar agora andando de mãos dadas com esse cara de social, por exemplo. Um advogado? Que seja. Poderíamos estar subindo para o apartamento dele naquele prédio com plantas caindo pela fachada, mal nos aguentando no elevador, arrancando nossas roupas assim que a porta se fechasse e nos jogando de parede em parede até chegar à cama. Ou talvez a gente só escorregasse até o chão e ficasse ali mesmo, na nossa nudez tão honesta, nosso suor quente, descabelados, não nos importando com os vizinhos escutando pela porta tudo aquilo que estamos gritando aos quatro ventos agora. Depois poderíamos vir aqui tomar um café e conversar sobre amenidades, decidir onde seria o jantar ou quais os planos para o fim de semana. Parece uma boa vida, uma que eu poderia ter.

Dou um gole no cappuccino quente e meus pelos se arrepiam. Dias nublados sempre me põem reflexiva. Essas ruas sempre me põem imaginativa. A combinação pode ser fatal. Esses homens falando firulas sobre investimento são tão anticlimáticos. Talvez uma música me leve para aquele estado bom de antes. *"I am the son and the heir of a shyness that is criminally vulgar"*... Como não me lembrar daquela cena de Closer da Natalie Portman com sua peruca rosa?

Vejo essa menina passando e ela tem aquela atitude sobre ela que imediatamente chama a minha atenção. As tatuagens enormes e muito pretas, as roupas com cortes clássicos e mistura de estampas, o cabelo curto. Estamos em seu apartamento, naquele prédio decadente da esquina, ela com um cigarro no canto da boca de frente para sua tela, me olhando fixamente, capturando em suas linhas todas as histórias que minha nudez tem para contar. Me sento no escuro, de costas para a janela e de frente para ela, com o lençol frio e branco caindo sobre a minha pele, me envolvendo com seu cheiro de cigarro, suor e amaciante. A tensão entre nossos

olhares crescendo a cada pincelada dela na tela. Ela me dirige com poucas palavras e eu estou ali, completamente entregue ao seu olhar e sua interpretação de mim, frágil e forte como ela me vê. Ela se levanta irritada para posar minha cabeça de um certo jeito que ela precisa e que eu insisto em errar. Sua mão macia tocando meu queixo enquanto seus olhos penetram os meus com raiva traz a faísca final. É possível ver nas marcas de nossos corpos, sob o pano, todo o desejo latente. Um beijo e a carnalidade vem à tona. Nos desfazemos naquele chão de madeira. Parece uma vida empolgante e sedutora, uma que eu poderia ter.

Lembro sempre da história que Lauren Elkin conta em seu livro *Flâneuse*<sup>4</sup>, na qual Hemingway, escrevendo sobre uma jovem em um café de Paris, diz que, por tê-la visto, ela, assim como toda a Paris, agora pertencia a ele e ele pertencia apenas àquele caderno e àquele lápis. Lauren faz uma crítica, com a qual concordo em partes, sobre uma atitude de superioridade de Hemingway em relação à garota e à cidade, na qual ele confundia ver com *poder*, uma atitude interpretada por ela como machista. Mas, aqui, sentada nesse café, também penso sobre um outro aspecto desse pertencimento do qual Hemingway fala.

Assim como para Elkin a questão não era sobre a posse daquilo que se via, mas, sim, sobre uma sensação de pertencimento, minha leitura é que também para Hemingway havia esse segundo sentido. Como pode ser os dois? Explico: quando ele diz que, por tê-la visto, ela agora pertencia a ele, há tanto um machismo que o coloca em uma atitude de poder sobre tudo que vê, como também há uma questão de pertencimento; são os dois. Paris e Hemingway estavam inevitavelmente associados, implicados. O que ele viveu e imaginou de Paris agora era parte de quem Hemingway era, assim como aquela garota no café. O pertencimento é de posse como é de pertença. Ele tem o destino daquela garota nas mãos, pode escrever o que quiser sobre ela; é o poder de um deus que decide quem ela é e o que ela poderá ou não fazer. Mas tudo isso diz sobre uma versão dela que ele imaginou, que ele criou, e que agora marcará para sempre quem ele é e como ele vê o mundo. É a versão dela que ele levará para sempre com ele.

É aquele moço ou essa garota que vi passarem pela janela. É a passante de Baudelaire. É uma personagem que se cria na minha imaginação erótica e que me

---

<sup>4</sup> (Elkin, 2022)

movimenta, me leva a criar vidas que poderiam ser minhas, amores que eu poderia viver, cenários e possibilidades de existir de um novo jeito.

Enquanto pago a conta, uma mão linda e grande passa em frente a mim, buscando um chocolate que está ao meu lado. Me viro devagar para olhar e, perco o ar. Um homem alto e absolutamente estonteante está sorrindo para mim e se desculpando pelo atravessamento. Resolvo não responder e apenas sorrir de volta por medo de que palavras sugerindo outros tipos de atravessamento saiam pela minha boca sem que eu pudesse contê-las.

Saio andando sem rumo, caminhando pelas ruas do Cambuí. Às 16h30 o barulho dos carros já começa a aumentar. Crianças saindo das escolas, alguns saindo do trabalho. Esses prédios altos me encham os olhos. Fico andando em busca das gemas perdidas do bairro, os prédios antigos, as casas modernistas, as casas muito antigas com seus portões baixíssimos. Paro na esquina de um café, sento-me na mureta debaixo da árvore muito grande e fico olhando o prédio da esquina oposta. Suas pastilhas vinho me chamam a atenção toda vez que passo aqui. Suas compridas varandas sombreadas, o prédio todo em um ângulo lindo de ver.

Esse bairro tem dessas, os prédios quase nunca estão chapados, virados de frente para a rua como se tivessem sido pegos fazendo algo errado e agora não pudessem mais se mexer, uma chatice só. Os prédios aqui estão sempre em ângulos interessantes, com linhas que movimentam o coração, num jogo de sedução com o espaço. Uns de pastilha azul, uns de pastilha vinho, outros ainda de tijolos a vista. Concreto, plantas, muito verde. O ritmo das pessoas andando incessantemente pelas calçadas a todos os momentos, umas muito apressadas e outras apreciando vitrines. Lojas, cafés, padarias. Esse ritmo, esse movimento, essa energia me fascinam.

A sensualidade das ruas curvas e estreitas alternadas a ruas largas e mais retilíneas traz um ritmo apaixonante. Parece que o bairro está te oferecendo uma infinidade de vidas para escolher. Os prédios brincam com o espaço, escondendo ou mostrando pedacinhos de céu, árvores, vistas, como se fosse um vestido de cetim deslizando vagorosamente pelo corpo daquela mulher. Quem será ela? Seu nome será Helena e juntas teremos um cachorro chamado Lito. Podemos morar naquela casa linda com uma rampa curva na frente que fica umas quadras para baixo. Aos sábados iríamos caminhar no Taquaral para depois comermos pastel na feira da Maria Monteiro.

É engraçado, não é? Como a cidade mexe assim com nossa imaginação... como caminhar pela cidade te traz fantasias. Talvez um dia, daqui há muitos anos eu faça um mestrado sobre isso ou algo assim. Mas hoje, eu quero apenas andar. Andar e sonhar. Sonhar com todas essas possibilidades de encontros, histórias que criei na minha cabeça, desejos que tive de passagem na rua e que, assim como esse cheiro de café, inundam meus sentidos, me tonteiam e depois somem, levados pelo vento que sopra forte.

Levo essas histórias comigo, vivo com elas. Às vezes as escrevo quando chego em casa. Contos, livros, crônicas. E, então, um dia, elas somem pela vida, apagadas numa formatação qualquer, esquecidas em uma pasta perdida, existindo apenas em meu peito que sente as batidas mais fortes e aquele frio na boca do estômago de andar por essas ruas.

O que é que você tem, Cambuí? Por que é que você me deixa assim, tão sensível, vulnerável, pensativa, sonhadora? Por que é que apenas de estar sentada aqui, nesse banco em frente ao Teatro de Arena, me sinto tão fora de mim e tão mergulhada em algo que está para além da minha própria vida ou até mesmo desse tempo? Fico imaginando como era andar por aqui em mil e novecentos ou nos anos cinquenta. Como as pessoas se vestiam, para onde iriam. Será que esse bar já existia? O que ficava ali antes?

Deve ser a densidade de pessoas, a mistura de arquiteturas lindas de épocas distintas que ficam ali contando uma história ou as ruas orgânicas com curvas suaves e cruzamentos inesperados. Deve ser o cheiro dos cafés perfumando o bairro todo ou o barulho dos copos de cerveja batendo nas mesas de madeira dos bares. Devem ser as pessoas se beijando no banco da praça, as vitrines de roupas, os jardins das fachadas com suas flores tão eroticamente abertas para a rua.

Virar uma esquina e se deparar com uma casinha perdida em meio a prédios imensos. As ruas de paralelepípedo, tão lindas, misturando tempos e histórias. Luzes brilhando na chuva que cai no chão, criando uma sensação de caleidoscópio nas minúsculas pedrinhas do asfalto. Vestidos esvoaçantes, calças de linho, cabelos molhados grudando no rosto. Brogues e pastas de couro. Perfumes amadeirados, notas cítricas, folhas no chão. Calças jeans moldando uma bunda linda, nem Michelangelo teria feito melhor. Camisa branca molhada, três botões abertos, sutiã

preto de renda. Saia com fenda, coturno, cabelo colorido, tatuagens. Olhares, frio na barriga que desce até as coxas, bochechas ardendo, chuva nos olhos.

Nos escondemos debaixo do mesmo toldo, molhadas. Mãos se tocam sem querer, sorrisos no rosto, olhares para o chão. Comentários desconexos sobre a chuva, a falta de guarda-chuva e a hora. Noite caindo, chuva apertando. Poderíamos nos sentar em uma mesa desse bar, tomar uma cerveja, comer algo. Poderíamos encostar nossas pernas uma na outra, tocar seus dedos na palma da minha mão suavemente, desenhando círculos como esses que nós damos na conversa por timidez. Poderíamos nos perder nos olhos uma da outra, em meio às bochechas envergonhadas que roseiam o momento. Poderíamos nos beijar suavemente, úmidas e implacáveis em nosso desejo. Poderíamos ir para algum lugar, continuar esse momento entre quantas paredes lhe parecesse melhor.

Olho para o lado com um sorriso besta na cara, tentando disfarçar minha cara para longe de você. Estou rindo também porque sei que, sim, poderíamos, só que eu me conheço melhor que isso... Eu te vi, lindeza, e agora você pertence a mim, pensei eu, seja lá quem você for, e mesmo que a gente nunca mais se veja. Você pertence a mim e todo o Cambuí pertence a mim e eu pertencço apenas a esse teclado e a essa tela. *Hemingway knew better.*

## CRAVING

*It's a craving, not a crush, huh?*

Billie Eilish – LUNCH

A escolha de palavras nunca é uma tarefa simples, pois há sentidos e sentimentos dentro de nós que, muitas vezes, não se traduzem tão diretamente em palavras; ou, pelo menos, não nas palavras que estão imediatamente disponíveis para nós. Esse foi um caso assim: a palavra desejo em português não traduzia exatamente a intensidade daquilo que ardia em meu peito, havia algo de homogeneizador sobre ela. Então, apelei para minha segunda língua de conforto, o inglês, que possui não apenas uma, mas, pelo menos, três palavras para expressar o que nós chamamos genericamente de desejo (*wish*, *crave* e *desire*). E foi assim, absolutamente inspirada pela recente música de Billie Eilish, que escolhi trazer para o cá o *craving*.

*Craving* é comumente utilizado para expressar o sentimento de desejo por comida, mas **não** se limita a ele. Não se trata simplesmente de uma vontade de comer algo específico ou estar sedento por algo: ***craving* é um desejo profundo** que, solicitado por algo exterior, se faz nas entranhas da carne, no estômago, e nos faz desejar com todo o corpo, quase como um impulso primitivo que te move, faz buscar o objeto de desejo. Essa forma de ver o desejo tem muita beleza e eu gostaria de expor o sentido de sexualidade desse trabalho a partir dela.

Ser sexual é desejar (*crave*) o Outro. Sexualidade é, como trouxe em “Fantasia”, essa força avassaladora que se faz em nossas entranhas e nos move para fora de nós mesmos, nos tirando de nossa mesmidade e nos arremessando, impiedosamente, ao Outro. O desejo que está aqui em jogo não é exatamente – ou apenas – pelo corpo de um Outro, pelo físico ou o fisiológico apenas, mas pelo Outro em sua total existência. É um desejo pelo toque do Outro que remete ao toque primário que inaugura a experiência, não sendo exatamente nem passividade e nem atividade (Butler, 2021b).

Butler (2021b, p. 73), em seu ensaio “Merleau-Ponty e o toque de Malebranche”, mostra como a filosofia de Merleau-Ponty se alimenta da de Malebranche para pensar o toque como a constituição do Ser. Ela nos mostra, que Malebranche, “ao (a) afirmar a primazia do sentir em relação ao que eu sou e ao (b)

performar a narrativa autobiográfica como consequência da primazia do sentir”, permite que Merleau-Ponty pense como as impressões que se dão no corpo formam “a base da sciência, do sentir, da cognição e o começo da agência ela mesma” (Butler, 2021b, p. 69). Isso sugere, ela continua, que o corpo já está exposto a algo exterior a ele desde o início, diferente dele, e que é apenas a partir da possibilidade de ser afetado por esse exterior que o ser senciente pode emergir, pela experiência: “a impressionabilidade ou receptividade primária forma a condição da experiência ela mesma para Malebranche, então, estritamente falando, não se tem experiência de um toque primário, mas um toque primário que inaugura a experiência” (Butler, 2021b, p. 70).

Se minha capacidade de autonarração (ou narração autobiográfica) advém da experiência e esta, por sua vez, vem desse toque exterior inaugural, “então eu sou, de forma bastante fundamental, ocasionada por aquilo que está fora de mim, do qual eu padeço, e esse padecer designa certa passividade [...]” (Butler, 2021b, p. 73–74). A possibilidade de existência do “eu” ocasionada pela alteridade nos coloca *no* mundo, faz o mundo *em* nós, num entrelaçamento quiasmático<sup>5</sup> desubstancializador e relacional, “e essa ocasião persiste enquanto estrutura necessária e animante” (Butler, 2021b, p. 74).

Abro aqui, então, um diálogo com a experiência urbana, compreendida por Marandola Jr. (2020a, p. 37) sob uma perspectiva existencial, “como vulnerabilidade, exposição, finito, corpóreo e carnal”. Para o autor, o habitar urbano, enquanto situacionalidade relacional que compõe a experiência urbana, é o ser atropelado, invadido pelo Outro, habitar a precariedade existencial. Concomitantemente, Butler evidencia, a partir de Merleau-Ponty, uma relação de existir que precede a separação entre passividade e atividade: o eu é inaugurado pelo toque que recebo passivamente mas que também busco intencionalmente para que possa continuar existindo, para que possa continuar sendo animada. “[...] nossa incapacidade de fundamentarmos a nós mesmos é baseada no fato de que somos animados pelos outros em cujas mãos nascemos e, com esperança, somos sustentados” (Butler, 2021b, p. 93). Somos feitos à medida em que fazemos, tocamos à medida em que somos tocados; assim, a experiência urbana se faz existencialmente na precedência do que é passivo ou ativo.

---

<sup>5</sup> Referência à questão do Quiasma colocada por Merleau-Ponty (2014) e reverberado por Butler (2021b, 2022b)

Esse diálogo entre a sexualidade, experiência urbana e alteridade pode ser percebida mais evidentemente em “Cambuí” e “Fantasia”, em que retratei uma relação com o caminhar que era inspirado ou motivado pela sexualidade, pela busca do toque do Outro – mesmo que não literal.

Poderíamos, aqui, retomar a própria essência do *Dasein* de Heidegger como *presença* na qual “interior e exterior fundem-se” (Heidegger, 2015, p. 561) ou mesmo, como faz Butler, a Lévinas com sua redução intersubjetiva na qual a

explicitação do sentido que um outro eu, que não eu, tem para *mim* – eu primordial – descreve o modo pelo qual Outrem me arranca da minha hipóstase, do aqui, do coração do ser ou do centro do mundo onde, privilegiado e, neste sentido, primordial, me coloco (Lévinas, 2010, p. 123, destaques no original).

Aliás, é partindo daí que Butler traz a ideia de que nos desfazemos uns nos outros (Butler, 2021b, 2022a, 2022b) ou que somos despossuídos pelo Outro (Butler, 2022a, 2023b): “Vamos encarar isto. Somos desfeitos uns pelos outros. E se não somos, falta algo em nós. Se este parece ser tão claramente o caso do luto, é apenas porque já era o caso do *desejo*” (Butler, 2022, p. 40, destaques acrescentados); e acrescenta, em outro texto que “apesar de nossos melhores esforços, nos desfazemos, na face do outro, pelo toque, pelo cheiro, pelo tato, *pela perspectiva do toque, pela memória do tato*” (Butler, 2023, p. 44, destaques acrescentados). Trata-se do caráter ex-tático de nossas vidas de que falei no primeiro capítulo da dissertação

Esse desfazer-se ao mesmo tempo em que se faz, a busca pelo toque que nos anima, traz à vida e nos sustenta ao longo dela, é nossa vulnerabilidade primordial e inescapável. Além disso, há nesse “desfazer-se” um movimento ambíguo que é tanto passivo quanto ativo:

Se dissermos “tocar você me desfaz”, então estamos tanto reportando uma atividade quanto um padecer, e esse padecer não é mera passividade, mas uma passividade que está vinculada a uma ação cujas origens são equívocas em um sentido *eroticamente* importante. [...] há uma sobreposição da minha relação reflexiva comigo mesma com uma relação *intencional* com um outro que também age, mesmo que nem sempre da mesma maneira ou no mesmo grau (Butler, 2022b, p. 116, destaques acrescentados).

Voltemos à sexualidade como *craving*. Aqui, a sexualidade diz respeito a esse desejo nascido da carne e impiedoso, que irrompe em nossa existência e nos move ao Outro pela busca do toque que sustenta nossa vida. Um movimento passivo de

desposseção, entrega, padecimento, que também é ativo em seu ímpeto, sua busca, seu tocar, seu *crave*. Quiasmático. Inevitável. Cheio de intencionalidade.

Merleau-Ponty afirma que, ao estar sempre presente na vida humana, como uma “atmosfera ambígua, a sexualidade é coextensiva à vida” (Merleau-Ponty, 2018, p. 233) e que, assim sendo, é impossível dissociar a motivação sexual e as não sexuais em nossos atos e decisões. Como ele mesmo nos mostra, nossa existência se dá em uma situação dada e não há liberdade que não seja condicionada à essa situacionalidade, pois somos apenas aquilo que fazemos dela. Isso faz com que a sexualidade, enquanto situação – poderíamos também pensar na sexualidade-em-situação (Moreira, 2021) – seja inescapável e se torne dramática à medida em que nela engajamos toda nossa vida pessoal. Então ele questiona: Mas por que o fazemos?

Porque nosso corpo é para nós o espelho de nosso ser, senão porque ele é um *eu natural*, uma corrente de existência dada, de forma que nunca sabemos se as forças que nos dirigem são suas ou nossas – ou antes elas nunca são inteiramente nem suas e nem nossas. Não existe ultrapassamento da sexualidade, assim como não há sexualidade fechada sobre si mesma. Ninguém está a salvo e ninguém está inteiramente perdido (Merleau-Ponty, 2018, p. 236, destaques no original).

Essa colocação de Merleau-Ponty reforça, aqui, a ideia da sexualidade como *craving*, já que esse desejo, que se faz em nossas entranhas, torna-se nossa situação, nosso modo de existir no mundo, de nos aderir a diferentes experiências, sustenta nossa existência, animando-a, e, por isso, “é a sexualidade que faz com que o homem tenha *uma história*” (Merleau-Ponty, 2018, p. 219, destaques acrescentados). Podemos acrescentar ainda que “segundo a *Fenomenologia da Percepção*, o que o francês nos mostra pelo âmbito da sexualidade é, portanto, nosso modo de investimento no mundo, ou melhor, a *intencionalidade original do corpo num mundo*” (Warmling, 2016, p. 59, destaques acrescentados).

Porém, o *craving* da sexualidade, como colocado anteriormente, não diz respeito ao desejo pelo corpo de outrem ou ao ato sexual em si; o *craving* da sexualidade busca o outro em sua inteireza, sua humanidade. Diferindo de Freud, em “Fenomenologia da Percepção” Merleau-Ponty entende que a libido, “ainda que possua uma conexão íntima com nossas atividades genitais, não se limitará ao sexo em sentido estrito” (Warmling, 2016, p. 64), porque a sexualidade é um modo de ser no mundo e se relacionar, sem que ela seja um *a priori* em relação aos outros aspectos

de nossa vida. É a busca pelo toque animante que não necessariamente é físico, assim como a própria corporeidade não é também reduzida, em Merleau-Ponty, a apenas matéria orgânica e seus processos fisiológicos. Como a corporeidade, a sexualidade também existe para além do físico e dos processos moleculares que permeiam a experiência corpórea da sexualidade.

Essa perspectiva, para mim, se torna concreta, por exemplo, no fato de que mesmo em sonhos eróticos e na masturbação há ainda um apelo projetado à alteridade e seu toque, via imaginário ou fantasia, mesmo sem que haja, de fato, o desejo pela realização concreta do encontro.

Enquanto pensava incessantemente sobre essa questão da sexualidade e da experiência urbana para preparar o texto da qualificação pós-campo, tive a oportunidade de ir ao cinema com meus amigos assistir “Pobres Criaturas” (Lanthimos, 2024). E foi ali, naquela sala escura de cinema, que uma enchente de emoções percorreu meu corpo. Parecia que, projetado naquela tela, estava Emma Stone, nessa releitura moderna de Frankenstein, encenando tudo aquilo que eu desejava passar de alguma forma aqui para o papel. Não quero me deter nos pormenores da narrativa ou aos debates que circundaram o filme após seu lançamento; gostaria de trazer para esse trabalho a instância da obra que, para mim, ilustrou lindamente o que eu quero dizer por sexualidade.

O filme começa em preto e branco enquanto a personagem se desenvolve em um ambiente estéril e controlado, em que todos os seus passos são monitorados. Aqui, o que interessa de Bella Baxter é seu desenvolvimento, seu progresso enquanto criatura da ciência, fruto da racionalidade. Por mais que os outros a vejam desde suas próprias situacionalidades, com toda a curiosidade, desejo e objetificação que trazem em si, o mundo de Bella é, ainda, preto e branco, desajeitado, sem vida. Ela deseja sair daquela casa, conhecer o “lá” e, ao descobrir o próprio prazer com seu “botão da felicidade”, a relação da protagonista com seu entorno começa a desmoronar ainda mais rapidamente com ela passando a desejar, insistentemente, o mundo de fora, o Outro, o desconhecido.

Seu anseio por sair da casa e ir para a cidade, ver tudo que lhe fora negado até então, faz com que ela fuja e se aventure com o advogado Duncan Wedderburn em uma viagem pelo mundo. Vemos a tela ganhar cores exuberantes e figurinos estrondosos, que nos encham os olhos, enquanto Bella descobre o mundo à medida

em que descobre sua própria sexualidade. Ela deseja o sexo na mesma medida em que deseja o encontro com Lisboa, com a mesma intensidade com que se emociona com o fado e que come pastéis de Belém. Ela está *craving* pelo mundo e seu universo de encontros possíveis, pelo orgânico e o inorgânico, o visível e o invisível. Está *craving* pelos toques de Outros que a animarão como o toque de Godwin, seu criador, um dia a animou; toque de vida e de morte, que nos faz e desfaz, ao mesmo tempo, numa poética do próprio existir.

Bella passa, então, a se aderir aos diferentes contextos que lhe são apresentados durante a viagem desde sua sexualidade, fazendo, assim, sua história. Ela abraça o belo e feio dos seus desejos assim como acolhe toda a beleza e feiura do próprio mundo, o prazer e a violência, e vive intensamente os dois, encontrando-se por entre os caminhos tortuosos que lhe vão sendo apresentados pelos outros personagens.

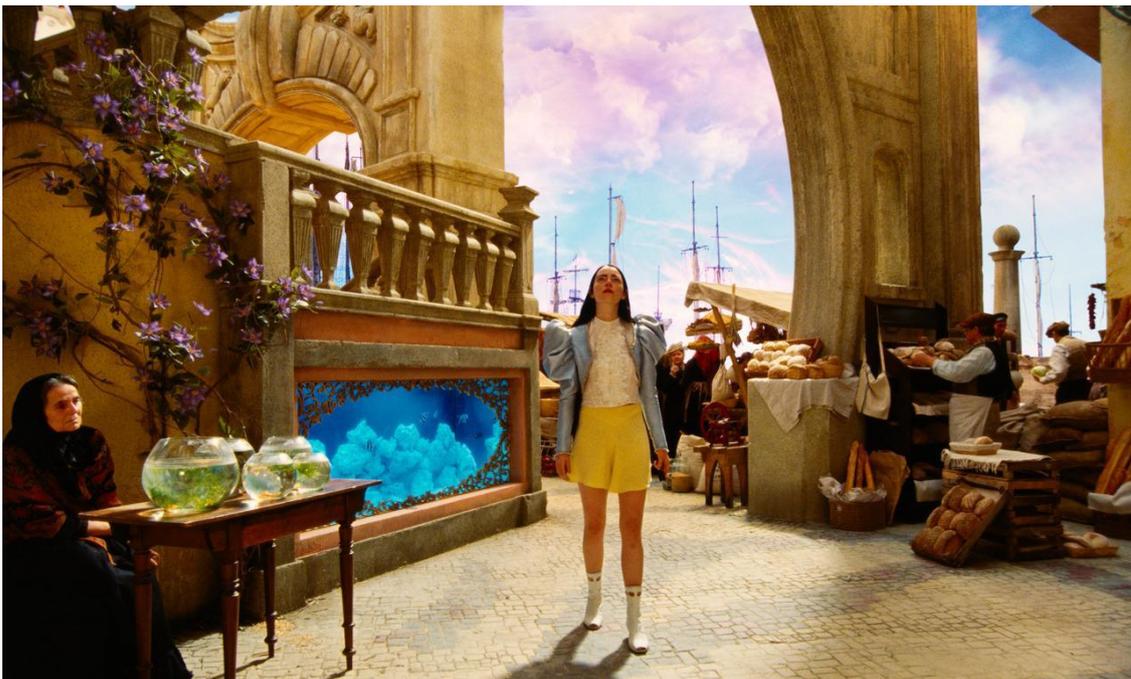


Figura 1. Bella Baxter descobrindo Lisboa em Pobres Criaturas (2023)  
Fonte: Atsushi Nishijima

Bella descobre, ao longo do caminho, que seu corpo guarda as marcas da história de seu eu-progenitora, uma história que, assim como a sua, é feita a partir da sexualidade já que, como mencionado por seu ex-marido-pai, o prazer clitoriano sempre havia sido um problema para ela. Ela aceita toda a violência que vem da sexualidade e da dimensão pública de seu corpo – como bem apontado por Butler (2023b) –, assim como aceita também o prazer, a descoberta, a conexão e o tesão

que lhe mostram que não há algo como uma existência isolada: somos à medida em que tocamos e somos tocados pelo Outro e à medida em que nos demoramos nesse mundo com eles. Somos sempre despossuídos de nós mesmos.

Em “Pobres Criaturas”, a libido e a curiosidade pelo mundo de Bella Baxter se entrelaçam de tal maneira que é impossível separar o que é um e o que é outro. Há apenas o ímpeto de sair de si mesma e ir em direção ao mundo, de ser atropelada, o ímpeto de ser – e se deixar ser – arremessada ao Outro, à uma existência pública em um mundo pré-existente que hora a faz gozar e hora a faz chorar. Assim, Bella habita e experiencia o urbano em Lisboa, Instambul, Paris e Londres em sua corporeidade, existencialmente, descobrindo o lugar, o urbano, à medida em que se descobre como Ser, tocando o mundo e sendo tocada por ele, tatuada – literalmente – por ele, a cada esquina, deixando pedaços de si e se refazendo com pedaços de Outros. Viva, pulsante, inacabada.

## **Ser é habitar**

Quando comecei o campo, tinha algumas expectativas do que poderia surgir. Não que eu fosse ativamente buscar aquilo que eu imaginava, mas é inevitável criar algum tipo de expectativa, daí a importância de buscar ver as coisas nelas mesmas. Havia um medo em mim de que narrativas sobre violência e desamparo fossem tudo que me chegaria ou, que de algum modo, se essas narrativas aparecessem eu não conseguiria escutar para além delas.

Lembro-me claramente de uma aula durante a disciplina “Corporeidades políticas e sociabilidades resilientes nas cidades da América Latina”, ministrada no ICHSA pelos professores Prof. Dr. Eduardo Marandola Jr., Prof. Dr. Maximiliano Cladakis e Prof. Dr. Vitor Cordova, em que debatíamos a guerra como símbolo da Modernidade a partir de Patocka (1996). Na ocasião, conversamos sobre como a Modernidade, pensando a si mesma como última época da humanidade e à técnica como consolidação desta, coloca a guerra sob a óptica da paz, na qual a paz consiste em combater o obscurantismo e levar as forças positivas ao seu destino histórico. Essa aula me marcou muito, particularmente, justamente porque me fez pensar na questão da violência.

Para Butler (2023b) a violência é uma exploração do vínculo primordial que nos forma, de nossa vulnerabilidade ontológica que é, justamente, a relação de

dependência do Outro que nos torna existentes; e a violência só se justifica como uma não-violação pela desumanização daqueles que são violentados, os irrealis, ou seja, aqueles que são vistos como não vidas. Além disso, a violência pode se repetir – e se repete – porque essas vidas irrealis insistem em permanecer animadas e, por isso, precisam ser reiteradamente negadas: “elas não podem ser passíveis de luto porque sempre estiveram perdidas ou, melhor, nunca ‘foram’, e elas devem ser assassinadas, já que aparentemente continuam a viver, teimosamente, nesse estado de morte” (Butler, 2023b, p. 54).

Quando pensamos no habitar, estamos nos voltando, segundo Heidegger (2012), a uma questão ontológica. Ele retoma o sentido originário de *buan* no alemão, que significa habitar e cuja origem vem de *bin* (ser), para mostrar que “o homem é à medida em que *habita*” (Heidegger, 2012, p. 127); então, ele continua, mostrando como *bauen* (construir) nasce de *baun* (habitar). Ele segue o desenvolvimento de seu pensamento mostrando, pela linguagem, que construir também carrega em si o sentido de cultivar e que, portanto, seria esse *demorar-se* nas coisas:

Habitar, ser trazido à paz de um abrigo, diz: permanecer pacificado na liberdade de um pertencimento, resguardar cada coisa em sua essência. [...] Mostra-se tão logo nos dispomos a pensar que ser homem consiste em habitar e, isso, no sentido de um de-morar-se dos mortais sobre essa terra (Heidegger, 2012, p. 129).

Jamille Lima-Payayá recupera essa questão do habitar para o povo Payayá, confrontando a visão heideggeriana com a radicalidade do pensamento levinasiano e nos mostrando como “o lugar que é fundado pelo demorar-se enquanto alteridade é aquele que tonifica uma coletividade que é geográfica por ser *para além do humano*. [...] A casa do demorar-se Payayá é abertura, não ensimesmamento” (Lima-Payayá, 2023, p. 8, destaques acrescentados). Morar, para os Payayá, é tão inseparável de *ser* que nem o distanciamento físico pode causar distanciamento existencial: Payayá é Caatinga.

Como mostra Lima-Payayá, esse modo de ser-habitando Payayá, o caiporismo<sup>6</sup>, foi visto pelos colonizadores como símbolo de incivilização e primitivismo, para o qual só havia duas possibilidades: dominação ou obliteração. “Do ponto de vista dos colonizadores, a própria natureza de tal relação era incognoscível, alimentado por um temor místico relacionado ao sentido do ‘indômito’, que foi utilizado

---

<sup>6</sup> Caiporismo, como colocado no texto por Lima-Payayá, refere-se à figura da Caipora.

como justificativa sínica para nos ‘domar’, tanto quanto à própria Caatinga” (Lima-Payayá, 2023, p. 5).

A partir dessa colocação, Lima-Payayá discorre que

Neste sentido, a colonização pode ser pensada como um processo sistemático e violento de *desbaratamento* que é, expressivamente, um desterramento associado à estigmatização, os quais sustentam a estratégia de desestruturação, sublevação e controle dos corpos e do território. Romper tais vínculos nada mais é que a interdição da morada – do demorar-se – dos povos indígenas, o que se efetivou como violência física e simbólica na negação de nossa humanidade e da nossa morada (Lima-Payayá, 2023, p. 6, destaques acrescentados).

Aqui, Lima-Payayá consegue explicitar como a colonização é justamente o que há de mais moderno, com sua ânsia pelo dominar, o positivar. A violência se torna um traço intrínseco à Modernidade por seus binarismos, racionalismos e desejo de iluminar, por desejar apagar dos sujeitos todo e qualquer traço de sombras, e que se reflete, por exemplo, no modo como a sociedade digitalizada atual faz emergir “o *estranho sonho de clareza e transparência* de um mundo em que tudo possa ser traduzido na linguagem da informação (da codificação digital e/ou genética) e que seja capaz de atravessar toda e qualquer turvação dos corpos e da realidade” (Cantarino, 2022, destaques no original). A Modernidade, ao fazer desaparecer a opacidade, mata a existência e cria o Homem (Foucault, 1999).

Além disso, a Modernidade também se apoia, justamente, na separação entre Homem e Natureza, matando, assim, o habitar existencial e produzindo uma relação distanciada de exploração com a Terra que se traduz num morar esvaziado de habitar, no usurpar recursos, no vender e possuir, no *dominar*. A gana moderna não vê o animal humano como parte de um todo terrestre, coabitado por tudo aquilo que me toca, como coloca Butler (2022b), seja orgânico ou inorgânico, material ou imaterial. O pensamento que é produzido pela Modernidade com sua separação entre corpo e mente é justamente o do racionalismo acima do corpo, do Homem acima da terra. É o desterramento forçado pela colonização como *desbaratamento* a todos que ousam não ser Homens.

Esse desbaratamento, argumento, atua ainda hoje sobre os dissidentes. A violência, que se mostra enquanto um “*processo regulado de repetição*” (Butler, 2023a, p. 250), age cotidianamente na retirada do habitar para a diferença, que se mostra, todos os anos, em números exorbitantes de mortes, encarceramento, estupros, etc. A regulação de quais corpos podem circular por quais lugares e de quais

maneiras se faz pelas práticas discursivas substancializantes que regulam a produção e inteligibilidade do “eu”, de quem pode invocar esse pronome legítima ou ilegitimamente – pensando em termos de reconhecimento hegeliano: não somos senhores de nós mesmos (Butler, 2023a). Essa é a precariedade de nossas vidas.

Retirar das pessoas o habitar é uma violência moderna colonial (Ferdinand, 2022); é retirar seu próprio sentido de ser, torná-los não vida e, ao fazê-lo, reiterar a violência, em um ciclo de repetição infinito da normatividade. Punimos os desvios com a não existência, de novo e de novo e de novo. *Mas como nos tornamos vivíveis?*

## **Imaginar? Fantasiar?**

Quando olhamos para esses binarismos e racionalismos modernos, facilmente vemos que percepção, sensibilidade e imaginação são relegadas àquilo que não é considerado conhecimento ou digno de consideração, pejorativamente colocados como algo menor, deixado ao campo da Arte e ao da Filosofia, mas nunca da Ciência.

O que esse modo de pensar falha em observar, contudo, é que “a imaginação não é apenas a capacidade um tanto frívola de sonhar acordado – ela pode ser considerada a base de nossa própria humanidade” (Pallasmaa, 2013, p. 10). Pallasmaa, ao escrever sobre o debate interno que teve para chegar ao nome de seu livro, “Imagem Corporificada”, nos conta que, em meio ao processo, se envolveu em conversas que lhe trouxeram coincidências entre o teatro e a arquitetura. Assim, teve fortalecida a opinião de que o imaginário artístico se torna parte de nossa existência corporificada e identidade pessoal e que, assim sendo, “o real dá lugar a uma experiência imaginativa que, finalmente, retorna à vida” (Pallasmaa, 2013, p. 12).

Essa questão me fez voltar aos tempos de graduação quando, cursando uma disciplina eletiva sobre cenografia, assisti ao filme *Dogville* (2003), de Lars Von Trier. O filme do diretor dinamarquês é inspiradoramente construído em um galpão preto, iluminado apenas com luzes artificiais e possui um cenário mínimo, contando apenas com objetos cenográficos (móveis, roupas, uma pedra etc.). As paredes das casas de Dogville são desenhadas no chão preto com fita branca, assim como as estradas e as ruas.



Figura 2. Cena de Dogville que mostra a cenografia do filme.

Fonte: ArchDaily, disponível em <<https://www.archdaily.com.br/br/01-115902/cinema-and-arquitetura-dogville>> Acesso em 15 de julho de 2024

Havia borboletas no estômago assistindo aos primeiros minutos do filme: era tudo tão diferente. Lembro-me também da sensação de ir além do imediatamente dado pelo filme, imaginando as paredes, suas cores, seus enfeites, defeitos. Hoje essa imagem imaginada é tão – senão mais – marcada em minha memória que a imagem das linhas no chão. Lembro vividamente de cada detalhe imaginado, das janelas que não estavam lá, do jardim imaginário que a personagem regava em certo ponto. “Os espaços e lugares criados por uma obra de arte são reais no sentido total da experiência” (Pallasmaa, 2011, p. 64). Para mim esse é um bom exemplo da realidade se tornando experiência imaginativa e retornando a ela: minha imaginação atua provocada pela escolha cenográfica do diretor, afetando a experiência de assistir ao filme de tal maneira que é impossível dissociar aquilo que imaginei daquilo que realmente estava na tela. A imaginação foi parte da forma pela qual eu vivi e experienciei o filme.

Ao discutir as “imagens de incompletude e destruição”, Pallasmaa (2013, p. 75) coloca que “é instigante perceber que espaços de arquitetura abandonados, danificados ou destruídos costumam evocar associações mais ricas e mais emocionais do que a arquitetura contemporânea aperfeiçoada”, o que concordo, especialmente pensando em como a imaginação mesma é corporificada e, portanto, inseparável dos sentidos, do corpo e de nossa existência. Imaginar não é uma ação apenas da mente, mas do corpo todo, o que cria uma potente intimidade entre aquilo que eu imagino e aquilo que sinto. É a imaginação, como coloca Pallasmaa, que nos permite perceber o *continuum*, perceber o tempo, sentir empatia.

Retomando o esforço de Butler em trazer a questão da narrativa autobiográfica para o pensamento ontológico em Merleau-Ponty, seria justo pensarmos, aproximando-os de Pallasmaa, que é também a imaginação que nos permite contar nossa própria existência, fazendo parte da corporeidade, dessa carne que se faz dobra do mundo (Merleau-Ponty, 2014).

Muitas vezes, a imaginação é considerada como uma mera distração para a consciência, como a conotação pejorativa de devaneio, ou um pré-requisito mental para a criatividade, mas, na verdade, vivemos em um diálogo contínuo entre a imaginação e a realidade, o mental e o físico (Pallasmaa, 2013, p. 36).

Gostaria de tomar aqui um pensamento de Butler para poder fazer uma reflexão sobre como isso pode estar – e está – ligado à questão da sexualidade. Ao debater os limites da autonomia sexual, Butler (2022a, p. 61, destaques acrescentados), reverberando Merleau-Ponty, pontua que “a sexualidade não é simplesmente um atributo que se tem, uma disposição ou um conjunto de inclinações. É um modo de se dispor em relação aos outros, *inclusive no modo da fantasia, e às vezes apenas no modo da fantasia*”. Isso reverbera, ao meu ver, em seu pensar sobre a sexualidade sendo essa sobreposição entre uma relação reflexiva comigo mesma e uma relação de intencionalidade em direção ao outro, já que a fantasia, sendo um modo de me dispor aos outros, também é fruto dessa minha capacidade de narração autobiográfica em que posso, mesmo que sem o desejo de realização, compor novas histórias para mim mesma, editar antigas e atuais, projetar; é onde eu posso refletir sobre mim mesma a partir de narrações autobiográficas informando, assim, a forma como me disponho no mundo. É uma forma de me atuar.

As crônicas, cada uma à sua maneira, trazem essa relação para a dissertação e são, ao mesmo tempo, fruto dela. Em “Viagem” a trago o fantasiar como uma descoberta de si, um novo viver, inventado e possível naquela outra cidade, que impulsiona às experiências urbanas e sexuais, sem que seja possível distinguir uma da outra. Algo semelhante ocorre em “Infinito”, em que penso a imaginação como forma de se recontar primeiro enquanto mulher, depois enquanto pessoa negra e, posteriormente, enquanto bissexual, em um viver pela imaginação autorreflexivo que atua no próprio existir. Já em “Fantasia” e “Cambuí”, trago a fantasia mais explicitamente, em especial por ter sido com a primeira que essa questão chegou inicialmente ao trabalho, algo que não havia pensado previamente, mas que mexeu muito comigo e me fez pensar na segunda.

Há sempre um movimento, que assim como o toque, atua e é atuado, precedendo ação e passividade, numa relação de ambiguidade e indissociação entre o imaginar e a “realidade” para a experiência. Imaginação e realidade se entrelaçam quiasmaticamente, criando esse ponto de confluência dentro da experiência. Foi essa tensão que tentei trazer para “Fantasia” e “Cambuí”, mostrando que o habitar é feito também a partir da fantasia, como coloca Butler, ou do imaginar, como traz Pallasmaa, pois o próprio experienciar, existencial, tem em si esse encontro, esse ponto em que dentro e fora se confundem pela própria natureza da corporeidade e, conseqüentemente, do ser, do experienciar, do habitar.

Essa relação também está presente, de muitas formas, na *flâneuse* de Elkin (2022). Suas mulheres caminhantes são animadas por essa relação ambígua, entre fantasia e realidade, com o urbano e o encontro com os Outros que as atropelam ao longo de suas experiências. Esse criar histórias para aqueles rostos desconhecidos trazidos pela Modernidade, como faz Baudelaire e Hemingway, ou ser filósofo das ruas incansáveis, como pontua Benjamin, fazem parte do *flâner*, e se presentificam enquanto linguagem que tentando ser posta em palavras, falha, justamente por existir nas sendas descontínuas, no demorar-se no negativo, como propõe Marandola Jr. (2020a) ou na devolução do mistério ao humano, como propõe Cantarino (2022), discussão que está presente de forma latente em “Cambuí”.

Butler (2023a) ao se questionar sobre o que torna uma vida vivível, chegando à conclusão de que se trata de certas condições normativas que permitem que a vida se torne vida. Isso implica uma ação conjunta por um futuro coletivo que seja *com* e *para* outros, implica se abrir para o desconhecido e se deixar desorientar em um processo político construído para o dissonante – e, acrescento, as situacionalidades e a ética da não-violência.

Considerando essas indissociações e as experiências que trouxe do campo com as crônicas, poderíamos, inspirados por Butler, nos perguntar se a fantasia e a imaginação são o que tornam nossas vidas vivíveis? Mas, diferente de dela, não gostaria de olhar para o “o que” e, sim, para o **como** o fazemos hoje, em resistência e desorientação, para talvez buscarmos pistas para o que pode ser o futuro coletivo para o dissonante.

Como já mencionado, o desbaratamento moderno retira de nós, corpos abjetos – trazendo uma referência de Butler (2020) sobre aqueles corpos que não importam

para a normatividade – o habitar existencial e, assim, nosso *status* de vida. Somos esses seres animados que persistem em viver nesse estado de morte, suscetíveis à violência da obliteração. O que nos é retirado, antes de tudo, é o direito à experiência, que é justamente aquilo que nos inaugura enquanto seres.

Quando o campo terminou, percebi que havia certa ressonância nas experiências dos corpos dissidentes, cujas situacionalidades afluíam a partir de um imaginar latente, e essa experiência era diferente daquela proposta pela heteronormatividade, na qual a relação com a cidade nunca era se apresenta como impossibilidade, mas de **possibilidade**. A imaginação sexual, aqui, ocorre como expectativa de encontros e desencontros **possíveis**, iminentes. A experiência urbana heteronormativa é alimentada por possibilidades de **ação**, de transitar por diferentes mundos através de festas e encontros sociais, inclusive, em espaços voltados ao público LGBTQIAPN+.

Ao mesmo tempo, quando olhamos para as experiências não heterossexuais aqui colocadas, percebemos que o lidar com a própria sexualidade, assim como a relação com o habitar urbano, não se dão primariamente na forma de ação. Há um processo de reorientação do entendimento de si que precisa recorrer a outras instâncias do viver que não o impulso de agir.

Gostaria de trazer, aqui, um texto cuja leitura foi feita após o campo. Sara Ahmed (2006), em defesa de uma fenomenologia *queer*, advoga que pensemos as sexualidades enquanto **orientação**.

Ahmed traz para a mesa nossas corporeidades situadas no espaço, que se direcionam para determinados sentidos e, pelo princípio da intencionalidade, alcançam determinados objetos ali colocados. Para ela, a orientação tem a ver com o habitar, o **de-morar-se** nas coisas e, por isso, precisa de tempo. A autora argumenta que

No caso da orientação sexual, não é, então, que simplesmente a tenhamos. Tornar-se hétero significa que não apenas vamos em direção a objetos dados a nós pela cultura heterossexual, mas também que devemos nos distanciar daqueles objetos que nos tiram dessa linha” (Ahmed, 2006, p. 554)<sup>7</sup>.

---

<sup>7</sup> Livre tradução de “*In the case of sexual orientation, it is not then simply that we have it. To become straight means not only that we have to turn toward the objects given to us by heterosexual culture but also that we must turn away from objects that take us off this line*”.

Para ela, a heterossexualidade produz uma linha reta e sequencial (um jogo que a autora faz em inglês com a palavra *straight*, que pode ser tanto hétero quanto reto), um caminho que já foi trilhado muitas vezes e que, por isso, torna-se mais fácil de ser seguido<sup>8</sup>; ao mesmo tempo, à medida em que o seguimos, o tornamos ainda mais trilhado, criando assim um paradoxo de repetição (o que dialoga intimamente com o que Butler nos fala sobre os processos de repetição). Essa linha se compõe porque, como coloca a autora,

para uma vida ser considerada uma ‘boa vida’, ela deve devolver a dívida de sua própria vida ao tomar a direção prometida como um bem social, o que significa imaginar o futuro das pessoas como o atingir de certos pontos ao longo do curso da vida. Esses pontos se acumulam, criando a impressão de uma linha reta (Ahmed, 2006, p. 554)<sup>9</sup>.

Essa linha torna-se hereditária à medida em que, através de gestos cotidianos que criam impressões em nós, vemos, por exemplo, filhos como pequenas versões de seus pais, pontos de uma linha reta de semelhança que os liga de tal forma que o futuro projetado para eles é imaginado a partir da direção de seus antecessores. Isso reverbera o que Butler (2023a) escreve sobre o matrimônio heterossexual ser o organizador social da sexualidade e do parentesco. Aqui, nós herdamos orientações, “herdamos a proximidade de certos objetos mais que de outros, o que significa que nós herdamos formas de habitar e nos dispor no espaço” (Ahmed, 2006, p. 557)<sup>10</sup>.

*Queer* se traduz, originalmente, como estranho ou esquisito, mas é usualmente utilizada para se referir a homossexuais. Se tratando de um contexto direcional, poderíamos pensar também em algo parecido com o torto, em contraste ao reto de *straight*. O *queer* seria, então, aquele que se desvia, dentro da cultura heteronormativa, dessa orientação da “boa vida” e que é também colocado socialmente como desviante. A heteronormatividade dá contorno ao mundo habitável e vivível e é nesse contexto, previamente dado de retidão e alinhamento, que momentos *queer* acontecem, mexendo com a ordem das coisas. Tornar-se *queer* significa tomar um novo caminho, oblíquo, e aceitar se perder em um mundo de

<sup>8</sup> “*a path well trodden*” ou, em tradução livre, um caminho bem trilhado, como é colocado por Ahmed (2006, p. 554)

<sup>9</sup> Livre tradução de “*For a life to count as a good life, it must return the debt of its life by taking on the direction promised as a social good, which means imagining one’s futurity in terms of reaching certain points along a life course*”.

<sup>10</sup> Livre tradução de “*we inherit the nearness of certain objects more than others, which means we inherit ways of inhabiting and extending into space*”.

retidão, buscando outros objetos que não foram colocados lá, na proximidade, pela heterossexualidade compulsória.

Para mim (inspirada por Ahmed) tornar-se *queer* é como nos jogarmos do abismo sem saber nos lembramos de pegar paraquedas, nos arremessarmos ao desconhecido e traçarmos o caminho um passo de cada vez, uma queda de cada vez, sem nada que nos oriente, porque *somos* desorientação. Trouxe parte desse movimento caótico em “Cambuí”, por exemplo, em que os apaixonamentos frequentes e passageiros, intentam construir essa ideia do não planejamento, contrastando com a heteronormatividade. Conseguir habitar esse caminho desconhecido toma tempo, e é preciso demora-se em sua feitura para que possamos seguir, passo a passo. Ao sair da linha e nos desorientarmos, abraçamos o caos em toda sua beleza e apenas... desviamos.

Sob essa óptica, podemos pensar em como o demorar-se no caos do desvio, para poder habitá-lo, pode nos levar de volta à imaginação que tanto perpassou as experiências daqueles com quem conversei e às minhas próprias – antes, durante e depois. Enquanto corpos tidos como abjetos e desviantes, não podemos seguir essa linha reta que constitui aquilo que nos é imediatamente dado, não estamos – e não queremos estar – na linha reta, somos *queer*. Disso se segue que, para tornar nossas vidas vivíveis, é preciso que instâncias diferentes do viver sejam arroladas nesse fazer, e ter a imaginação como parte de nossa vivência sexual é muito potente porque põe em nossa proximidade aqueles objetos que a heterossexualidade compulsória nos retirou.

Walter Benjamin (2017) ao debater a modernidade e a Paris do século XX a partir da obra de Baudelaire, nos traz uma figura muito curiosa: o trapeiro. Essa figura que, como coloca Benjamin, começou a “aparecer em grande número nas cidades quando o lixo passou a ter certo valor, devido aos novos processos industriais” (Benjamin, 2017, p. 21), passa a chamar a atenção por representar os limites da miséria humana. Essa figura, cuja situação é a margem, recolhe o lixo produzido pela modernidade e o devolve a ela. Para Benjamin, os poetas são como os trapeiros, se alimentando (e alimentando suas obras) dos restos criativos deixados pelas ruas:

Os poetas encontram o lixo da sociedade nas suas ruas, e é também ele que lhes fornece a sua matéria heroica. Assim, no tipo ilustre do poeta transparece um outro, vulgar, de que ele é cópia. O poeta é penetrado pelos traços do trapeiro, que tantas vezes ocupou Baudelaire. [...] Trapeiro ou poeta – a

escória interessa a ambos; ambos exercem, solitários, sua profissão, a horas em que os burgueses se entregam ao sono [...] (Benjamin, 2017, p. 81).

Gostaria de trazer essa figura do trapeiro para pensarmos a relação do habitar sexual urbano e a imaginação na experiência *queer*. Como colocamos mais cedo, podemos pensar a imaginação como a realidade se tornando experiência imaginativa e retornando à própria realidade. Nesse ciclo, a imaginação se torna parte intrínseca ao meu experienciar, indissociável, e, ao retornar para a realidade, modifica a forma como me relaciono com ela. Sendo a imaginação alimentada pela realidade, podemos fazer essa aproximação com a obra benjaminiana, pensando pessoas *queer* como figuras que, assim como o trapeiro e o poeta, se alimentam dos restos e do lixo que a Modernidade esquece pela rua. Nesse caso, os restos sexuais. O *queer*, ao desviar da retidão hetero, tropeça no lixo erótico-sexual que a Modernidade deixa pelo mundo e traz esses dejetos como fonte de nossa imaginação sexual, *Eros*, Libido que anima o mundo original (Merleau-Ponty, 2018).

Desorientar é olhar para os restos da sexualidade hétero, como os homens sem camisa jogando futebol ou, como nos conta Preciado (2018), as manicures que massageiam eroticamente as mãos de suas clientes com cremes, e ver nisso matéria de imaginação erótica, de fantasia. Isso é desviar, é trazer para perto de si, através do imaginar, aqueles objetos que não estavam dispostos em minha proximidade. A imaginação, aqui, muda a forma como me disponho em relação ao mundo e à realidade, tanto porque, sendo impossível separar de minha experiência aquilo que é minha imaginação erótica, meu olhar é conduzido por ela porque busco esses restos intencionalmente. Assim, minha sexualidade-em-situação (Moreira, 2021), enquanto *queer*, é entrelaçada e conduzida pelo imaginar.

Chegamos, aqui, a um ponto crucial, que vem me instigando desde o campo: a imaginação é um modo pelo qual a sexualidade irrompe no urbano e me traz o habitar. Se, como coloca Marandola Jr. (2020a), a experiência é a manifestação do existir, então a experiência está habitar que é meu modo de ser-e-estar-no-mundo. Um habitar urbano torto, esquisito, estranho, fundamenta uma experiência urbana *queer* e a imaginação se faz nesse processo de manifestar, de ser-e-estar.

Habitar urbano, como experiência: incompletude, imanência, ir de encontro, ser atropelado. Habitar a precariedade da existência, o limite, mas também o ordinário, no qual o encontro e o ser invadido pelo Outro, em sua abertura e multiplicidade, *é possibilidade, mas está longe de ser uma normatividade*

*dada e presente constantemente* (Marandola Jr., 2020a, p. 38, destaques acrescentados).

Olho fixamente para esse trecho de um texto que mexeu tanto com minhas estruturas, meus olhos, que não conseguem sequer piscar, ficam marejados pela baixíssima umidade de julho. Minha imobilidade se dá porque, chegando ao trecho final dessa dissertação, me encontro em um ponto de pequena discordância com esse excerto que utilizei no início do trabalho: é possível, para pessoas *queer*, uma experiência urbana em que o Outro não seja uma normatividade dada e presente constantemente? Se, como já argumentei (Sebinelli; Costa, 2023), vivo em casas que foram feitas por Outros para Outros, se minha estranheza é confrontada o tempo todo por uma retidão do conhecido, é possível um habitar *queer* que não seja interpelado pelo Outro? E o queremos?

## **Afetos**

Quando Paul B. Preciado foi convidado para fazer sua autobiografia, disse que não seria possível, pois Virgínia Woolf já a havia escrito antes mesmo dele nascer. Trata-se do romance intitulado “Orlando”, em que a autora narra a história de um aristocrata inglês que passa por uma mudança de sexo. Preciado, então, resolve dirigir o filme “Orlando, a minha autobiografia política” que é em parte uma leitura sua do romance de Woolf, parte sua autobiografia e parte a biografia de outras vinte e cinco pessoas transsexuais. Como o filósofo mesmo denomina, trata-se de um filme trans.

No filme, Preciado (2024) nos apresenta o que ele chama de quatro movimentos revolucionários orlandescos, etapas da metamorfose pela qual a personagem de Woolf, passa até completar sua transição de sexo. O primeiro movimento é a poesia, quando Orlando é apresentado à possibilidade de mudar o nome de todas as coisas, incluindo os nomes próprios. O segundo movimento – e mais profundo, segundo o diretor – é o amor, que chega como o apaixonamento da personagem por Sasha, personagem que, assim como Orlando, também existe, se porta e se entende como um entre-lugar do sexo e esse romance atua de forma irremediável na vida da personagem; o amor acontece, simbolicamente, em meio a uma geada (que evoca solidão e desesperança). O terceiro movimento orlandesco é a “crioulização”, quando a personagem, enviada à uma colônia britânica para governar, nota que não se vê como sendo diferente dos colonos, e se percebe, então,

como fruto de um estupro colonial. O quarto e último movimento orlandesco é a conclusão da metamorfose, a transição de Orlando que, ao acordar de um sono profundo que durou séculos, se vê transformado em uma mulher.

No segundo semestre de 2023, Preciado esse filme apresentado na *Biennial of Contemporary Arts* (BoCA), em Lisboa, ocasião em que o filósofo foi entrevistado por John Romão para o canal da *Biennial* no YouTube (Preciado, 2024). No decorrer da entrevista, o autor é convidado a falar sobre o amor presente no filme, dizendo que, olhando para a experiência orlandesca, ele gostaria de considerar o **amor como um afeto político e coletivo**. Que essa visão transpareça no filme é, para ele, muito importante, justamente porque Preciado ama todas aquelas pessoas que participaram de sua obra, as amou enquanto as filmava e as ouvia, e, também, porque isso representava a capacidade de **amar desde o não-binário**, já que, para Preciado, amar binariamente é uma redução absurda.

Esse movimento feito por ele na entrevista me fez pensar sobre a minha própria relação com essa pesquisa, as pessoas com quem conversei e nossas histórias, delas e minhas, que trouxe pelas crônicas. De certa maneira, eu **sei** o que Preciado quer dizer com esse **afeto político e coletivo** transbordando sua arte, porque é também como eu me senti e continuo sentindo no processo dessa dissertação. Eu amo profundamente as pessoas que se dispuseram a conversar comigo, e as amei ainda mais enquanto escutava suas histórias. As amei quando, no devir da arte que foi transformar suas vidas em crônicas, misturei suas histórias às minhas e fiz ali nosso próprio entrelaçamento quiasmático. Me perdi em cada uma das histórias e talvez nunca me encontre novamente; mas tudo bem, porque sou essa existência *queer*, perdida por definição. Indo além, vejo que esse trabalho, sem saber, também falou sobre os quatro movimentos revolucionários orlandescos de que discorre Preciado em seu filme, porém, aqui não os apresento enquanto uma transição de gênero, mas, sim, como um movimento ao *queer*.

O primeiro movimento, poético, aparece pela fantasia e imaginação. O segundo, do amor, está começando agora.

Pensar o amor a partir do não-binário é um convite de Preciado que se põe tão potente quanto necessário e urgente. A Modernidade enquadrou no Amor Romântico todo o afeto possível dessa última era da humanidade. Com seu ímpeto de monocultivo, esse tempo – nosso tempo – designa, como mostra Simone de Beauvoir

(2016), o amor e o afeto ao campo do casamento, da família heterossexual, empobrecendo de afetuosidade tudo aquilo que está fora dessa linha reta herdada de geração em geração. Se há uma separação epistêmica entre corpo e mente, inconsciência e consciência, selvagem e civilizado, irracional e racional, naturalmente é criada uma separação entre o amor e outros sentimentos menores, inclusive do desejo sexual.

Travestimos a heteronormatividade compulsória de romance, a chamamos de Amor e seguimos, assim, normalizando-a e tornando-a atrativa através de discursos de nobreza repetidos incessantemente: são as metades da laranja, a tampa da panela, o amor da minha vida, o fim da comédia romântica em que toda a felicidade se concentra. Uma forma de se relacionar com o outro que é aprendida, repetida e repassada. O Amor Romântico reforça e mantém a linha, retifica os sentimentos ao racionalizar o irracional e reitera o princípio Moderno da infinitude à medida em que nos diz que esse amor, (nobre, puro e desejável) é para sempre.

Mas a quem esse sentimento é possível? Obviamente, seguindo esse modo de pensar, o amor e a capacidade de afeto são características intrínsecas àqueles que são consideradas *vidas* humanas (Butler, 2023b). A não-vida, o abjeto, não podem ser capazes de ter ou receber afeto, porque nem existem, não são inteligíveis e não são amáveis, o que expõe e reforça a homofobia, inclusive a internalizada pelas próprias pessoas *queer*. Vemos, então, que é por isso que o amar desde o não-lugar, não-ser, desde a inexistência ou, como colocado por Preciado, desde o não-binário é um convite espetacular; ele arranca o afeto do binarismo moderno guiado pelo Amor Romântico e o arremessa ao Nada, à nós, tortos desviados.

Sara Ahmed (2006) afirma que o *queer*, mesmo quando tenta seguir a linha reta, acaba a entortando. Penso que podemos olhar para as crônicas dessa dissertação da mesma forma. Não penso que há, em nenhuma delas, o Amor Romântico propriamente dito, tanto porque isso seria impossível, dado que ele é reservado e usado como reforço para a heteronormatividade, quanto porque, mesmo tentando replicar dispositivos de controle da heteronormatividade, a existência *queer* a entorta e transforma em algo diferente, como é o caso do casamento ou da parentalidade homossexuais – o tema do parentesco heterossexual é profundamente debatido por Butler (2022a).

Dito isso, retornei às crônicas após assistir a essa entrevista de Paul Preciado para pensar o que era a afetividade que ali havia. O que descobri foi um amor orlandesco, existindo na efemeridade da viagem de uma não-existência, na paixão arrebatadora que só pode – e só se quer – realizar na fantasia, na coragem de ser um corpo público que demonstra e se deixa tocar por afetos no infinito, ou no apaixonamento sequencial não monogâmico pelas ruas do Cambuí.

Se a sexualidade é esse impulso que me leva em direção ao Outro e que busca sua humanidade, me parece bom caminhar com afeto. Butler (2021a), no pós-escrito de seu livro “A força da não-violência”, sugere que a violência seja confrontada com a vulnerabilidade, escapando à lógica da guerra e nos fazendo engajar em uma solidariedade significativa. “Sempre podemos desmoronar, por isso lutamos para permanecer juntos” (Butler, 2021a, p. 155). A Modernidade se esforça em apagar, o tempo todo, nossa vulnerabilidade primordial de seres desfeitos pelo Outro e de existências finitas, mortais; e, aqui, Butler contrapõe a violência desse apagamento ao deixar florescer, justamente, a despossessão.

Inspirada por seu movimento e pela fala de Preciado, gostaria de deixar, então, uma nova sugestão: se a Modernidade limitou o afeto ao Amor Romântico, o separou de toda nossa sexualidade e o relegou apenas àqueles que são vidas, vamos então, enquanto gentes tortas que somos, (re)unir afeto e sexualidade, politicamente, para que possamos pensar eticamente a sexualidade como busca pela humanidade do Outro, para além de seu corpo objetificado. Afeto humanizante, afeto vulnerável, afeto esquisito, afeto *queer*.

O terceiro movimento orlandesco dessa dissertação aparece, para mim, no processo de entendermo-nos *queer*, e vermos nossa existência como o entortamento em relação à normatividade. Esse processo vem com a construção de um novo modo de habitar o urbano, de um colocar-se em relação ao Outro dessa maneira torta, imaginada poeticamente, e ter marcado em nossas corporeidades as impressões do desvio, as consequências desse constante atropelamento. Esse movimento está mais explícito nas crônicas e nos pensamentos sobre o habitar urbano.

Por fim, o quarto movimento orlandesco, a conclusão de nossa transição, mostra-se com nossa própria existência desorientada, o apreciar do pulo que demos no abismo sem paraquedas, o fazer as pazes com o não-saber. Esses movimentos orlandescos aparecem, de alguma forma, em todas as crônicas, mas ficam bastante

claros em “Infinito”, com o imaginar novas formas de ser, apaixonar-se por algo que não estava dado inicialmente, ver-se diante das violências de descobrir-se mulher, negra e bissexual, e, por fim, fazer as pazes com sua existência, experienciar livre e sexualmente o urbano, abraçar a dimensão pública de seu *queerness*, de seu corpo.

Esses afetos políticos, coletivos e não-binários, como defendem Preciado (2024) e Butler (2022a), nos possibilitam olhar para essas formas de habitar e experienciar o urbano *queers* que não são pensadas enquanto válidas, mas que se mostram lindamente nas conversas e nessas crônicas que escrevi e se fazem existentes, insistem em continuar vivas. Vivas e tortas. Como a arquitetura poderia nos ajudar na construção desse habitar estranho?

## HABITAR QUEER

Quando estava pensando nesse último capítulo, reli um texto de Pallasmaa (2011, p. 34) em que o arquiteto discorre sobre a arquitetura barroca. Ele argumenta que, em contraste com o lúcido e linear do Renascimento, o Barroco era pictórico, múltiplo, permitia uma experiência visual de “característica extremamente tátil que evita sua transformação na centralização nos olhos de seu rival perspectivista cartesiano”. Esse trecho me lembrou do livro de Gordon Cullen (2008) que li na graduação, cheio de *sketches* que mostravam desenhos urbanos interessantes; para ele, eram as surpresas, mistérios, curvas, sequências de espaços abertos e fechados, luz e sombra, que tornavam o experienciar urbano interessante e instigante.

Quis retomar aqui esses dois clássicos da arquitetura para pensar em como a arquitetura pode contribuir para o habitar *queer*. Pallasmaa (2011, p. 67) nos mostra que “a função atemporal da arquitetura é criar metáforas existenciais para o corpo e para a vida que concretizem e estructurem nossa existência no mundo”. Antes, ele afirma que

A arquitetura é, em última análise, uma extensão da natureza na esfera antropogênica, fornecendo as bases para a percepção e o horizonte da experimentação e compreensão do mundo. Ela não é um artefato isolado e independente; ela direciona nossa atenção e experiência existencial para horizontes mais amplos. [...] A arquitetura reforça a experiência existencial, nossa sensação de pertencer ao mundo, e essa é essencialmente uma experiência de reforço da identidade pessoal (Pallasmaa, 2011, p. 39).

Quando pensamos em experiência urbana, especialmente sob o entendimento de que esse experienciar é existencial, vemos que a Arquitetura é parte fundamental, desenhando – literalmente – nossas experiências. Heidegger (2012) afirma que habitar e construir estão intimamente conectados: é o construir que cultiva o habitar, o demorar-se. Permanecer no *queer*, cultivando-o, mostra-se como caminhos para pensar o urbano.

Quando Pallasmaa (2008) afirma que a Modernidade nos nega o conservadorismo de retornar à casa, ele nos convoca a pensar o reencantamento, a remistificação e a reerotização do mundo. Penso que o habitar *queer*, já está conectado a esse modo de cultivar, de estar e demorar-se no urbano, como pudemos perceber nas crônicas. Pela imaginação e pela fantasia, nos embrenhamos pelas sendas heteronormativas, somos disruptivos, experienciamos sexualmente o urbano

quando nossa existência e, portanto, nossa própria capacidade de ter uma experiência nos são negadas.

O habitar urbano *queer* é resistência, é entortamento e estranheza. Não há fuga do Outro e isso é fundamental para que possamos nos desvencilhar de construir e reconstruir o inferno do mesmo (Marandola Jr., 2020a). Existir *queer* nos aproxima e ensina a habitar o indizível, o inabitável ou, como mostra a crônica “Infinito”, a fazer essa casa no infinito de possibilidades de existir, abraçar o não-saber. Não voltamos para a mesma casa, pois isso já não é possível, mas aprendemos retornar ao habitar, em uma nova casa, que nunca é ensimesmada, como propõe Lima-Payayá (2023) e que ultrapassa os pretenciosos muros do mesmo.

Pensar esse habitar necessita passar pelo afeto, por celebrar os modos tortos de amar e re-existir amando. Necessita passar também pelo imaginar, porque precisa se fazer nessa dobra do mundo de nossas corporeidades.

## REFERÊNCIAS

- AHMED, Sara. Orientations. **GLQ: A Journal of Lesbian and Gay Studies**, v. 12, n. 4, p. 543–574, 2006.
- ARRIVAL. Denis Villeneuve. Lava Bear Films, FilmNation Entertainment, 21 Laps Entertainment, 2016. Drama, Mistério, Ficção científica (1h56m).
- BEAUVOIR, Simone De. **O segundo sexo**. 3ªed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.
- BENJAMIN, Walter. **Baudelaire e a modernidade**. tradução: João Barrento. 1ªed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.
- BRANDÃO, Gabriela Gazola. Arquitetura e urbanismo como fenomenologia do habitar. **Geograficidade**, [s. l.], v. 7, n. 1, p. 21, 2016.
- BUTLER, Judith. **A força da não violência: um vínculo ético-político**. tradução: Heci Regina Candiani. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2021a.
- BUTLER, Judith. **Corpos Que Importam: Os Limites Discursivos Do Sexo**. São Paulo: n-1 edições, 2020.
- BUTLER, Judith. **Desfazendo gênero**. 1. ed. São Paulo: Editora Unesp, 2022a.
- BUTLER, Judith. **Os Sentidos do Sujeito**. tradução: Carla Rodrigues. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2021b. (Filô Margens).
- BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: Feminismo e subversão da identidade**. tradução: Renato Aguiar. 24. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2023a.
- BUTLER, Judith. **Que mundo é este?: Uma fenomenologia pandêmica**. 1. ed. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2022b.
- BUTLER, Judith. **Vida Precária: Os Poderes Do Luto e Da Violência**. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2023b.
- CANTARINO, Carolina. A revolução já está acontecendo. **Jornal da Unicamp**, Campinas, 13 mar. 2024. Artigos. Disponível em: <https://www.jornal.unicamp.br/artigo/2024/03/13/a-revolucao-ja-esta-acontecendo/>. Acesso em: 2 abr. 2024.
- CANTARINO, Carolina. Devolver o mistério ao humano – ressonâncias cosmopoéticas e alteridades radicais. **ClimaCom - Políticas Vegetais**, [s. l.], v. 9, n. 23, p. [Online], 2022.
- CERTEAU, Michel de. **A Invenção do cotidiano: Artes de fazer**. tradução: Ephraim Ferreira Alves. 3. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1998.
- CULLEN, Gordon. **Paisagem Urbana**. 1ª edição. [S. l.]: Edições 70, 2008.

DOGVILLE. Lars von Trier. Zentropa Entertainments, Isabella Films B.V., Something Else B.V., 2003.

ELKIN, Lauren. **Flâneuse**: Mulheres que caminham pela cidade em Paris, Nova York, Tóquio, Veneza e Londres. 1. ed. São Paulo: Fósforo Editora, 2022.

FERDINAND, Malcom. **Uma ecologia decolonial**: pensar a partir do mundo caribenho. tradução: Letícia Mei. São Paulo: Ubu, 2022.

FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas**. São Paulo (SP): Martins Fontes, 1999.

HEIDEGGER, Martin. Construir, Habitar, Pensar. *In*: HEIDEGGER, Martin. **Ensaio e conferências**. tradução: Marcia Sá Cavalcante Schuback. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

HEIDEGGER, Martin. **Ser e tempo**. tradução: Marcia Sá Cavalcante Schuback. 10. ed. Petrópolis: Vozes, 2015. (Coleção pensamento humano).

LÉVINAS, Emmanuel. **Entre nós**: Ensaio sobre a alteridade. Petrópolis: Vozes, 2010.

LIMA-PAYAYÁ, Jamille da Silva. Yby: Sentido radical de casa. **Kalagatos**, [s. l.], v. 20, n. 2, p. eK23026, 01–13, 2023.

LYNCH, Kevin. **A imagem da cidade**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.

MARANDOLA JR., Eduardo. Ainda é possível falar em experiência urbana? Habitar como situação corpo-mundo. **Caderno Prudentino de Geografia**, [s. l.], v. 2, n. 42, p. 10–43, 2020a.

MARANDOLA JR., Eduardo. Desterramento, a situacionalidade latinoamericana?. **PENSANDO - REVISTA DE FILOSOFIA**, [s. l.], v. 14, n. 32, p. 66–76, 2023.

MARANDOLA JR., Eduardo. Fenomenologia como abertura para a interdisciplinaridade. **Revista do NUFEN**, [s. l.], v. 12, n. 1, p. 1–25, 2020b.

MARANDOLA JR., Eduardo. **Fenomenologia do ser-situado**: crônicas de um verão tropical urbano. 1. ed. São Paulo, SP: Editora Unesp, 2021.

MARANDOLA JR., Eduardo. **Habitar em risco**: mobilidade e vulnerabilidade na experiência metropolitana. São Paulo, SP, Brasil: Blucher, 2014. (Coleção População e sustentabilidade, v. 2).

MARANDOLA JR., Eduardo. Morte e vida do lugar: experiência política da paisagem. **Pensando - Revista de Filosofia**, [s. l.], v. 8, n. 16, 2017.

MARANDOLA JR., Eduardo. O imperativo estético vocativo na escrita fenomenológica. **Revista da Abordagem Gestáltica**, [s. l.], v. 22, n. 2, p. 140–147, 2016a.

MARANDOLA JR., Eduardo. Sobre a impossibilidade de se voltar para casa ou a escrita como o lugar possível voltado para o futuro/On the impossibility to back home or written as possible place back to the future. **Geografares**, [s. l.], p. 5–10, 2016b.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. 5. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2018.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **O visível e o invisível**. tradução: José Artur Gianotti; Armando Mora d'Oliveira. 4. ed. São Paulo: Perspectiva, 2014.

MOREIRA, Tiago Rodrigues. **Lavrando a existência gay: ontofenomenologia da sexualidade-em-situação**. 2021. 101 f. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Ciências Aplicadas, Limeira, SP, 2021.

ORLANDO, MA BIOGRAPHIE POLITIQUE. Paul B. Preciado. 24 Images, ARTE, Les Films du Poisson, 2024. Documentário (1h38m).

PALLASMAA, Juhani. **A Imagem Corporificada: Imaginação e Imaginário na Arquitetura**. tradução: Alexandre Salvaterra. 1ª edição. Porto Alegre: Bookman, 2013.

PALLASMAA, Juhani. Existential Homelessness – Placelessness and Nostalgia in the Age of Mobility. *In: THE ETHICS OF MOBILITIES*: Routledge, 2008.

PALLASMAA, Juhani. **Os Olhos da Pele: A Arquitetura e os Sentidos**. Porto Alegre: Bookman, 2011.

PATOČKA, Jan. **Heretical essays in the philosophy of history**. Chicago: Open Court, 1996.

POOR THINGS. Yorgos Lanthimos. Element Pictures, Film4, Fruit Tree, 2024. (2h21m).

PRECIADO, Paul B. **Entrevista completa Paul B. Preciado: “O amor como afeto político”**. entrevistador: BoCA Bienal e John Romão. [S. l.: s. n.], 1 fev. 2024. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=QftIE1avn9U>. Acesso em: 2 jul. 2024.

PRECIADO, Paul B. **Testo Junkie: sexo, drogas e biopolítica na era farmacopornográfica**. São Paulo: N-1 Edições, 2018.

PRECIOSA, Rosane. **Rumores discretos da subjetividade: sujeito e escritura em processo**. Porto Alegre: Sulina: Editora da UFRGS, 2022.

SEBINELLI, Mayara; COSTA, Nícolas Vieira da. Desfazendo a técnica: A casa-estojo e o habitar. **Kalagatos**, v. 20, n. 2, p. eK23024, 2023.

SEBINELLI, Mayara; MOREIRA, Tiago Rodrigues. Enlutamento Público e vidas vivíveis: o Arouche enquanto casa, habitar e lugar. **Cadernos do PET Filosofia**, [s. l.], v. 14, n. 27, p. 6–22, 2023.

WARMLING, Diego Luiz. O corpo e as três dimensões da sexualidade na Fenomenologia da Percepção de Maurice Merleau-Ponty. **Cadernos do PET Filosofia**, [s. l.], v. 7, n. 13, p. 53–73, 2016.